



**A EXPERIÊNCIA DA DUPLA MATERNIDADE NOS ANOS INICIAIS: ANÁLISE  
DE NARRATIVAS DIGITAIS CONSTRUÍDAS POR CASAIS DE MÃES  
INFLUENCIADORAS**

**Betina Nelsis Aymone**

Dissertação de Mestrado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Porto Alegre, agosto de 2022.

**A EXPERIÊNCIA DA DUPLA MATERNIDADE NOS ANOS INICIAIS: ANÁLISE  
DE NARRATIVAS DIGITAIS CONSTRUÍDAS POR CASAIS DE MÃES  
INFLUENCIADORAS**

**Betina Nelsis Aymone**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia,  
sob orientação da Profa. Dra Rita de Cássia Sobreira Lopes

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Psicologia  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Porto Alegre, agosto de 2022

## AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora deste trabalho, Rita, pelo apoio, troca e contribuição ao longo de todo processo, sou grata pela forma como conduzimos essa parceria, cheia de aprendizado e sensibilidade. Agradeço igualmente aos componentes da banca, Dr. Adolfo Pizzinato, Dr. Angelo Brandelli e Dra. Issaaf Karhawi.

À Gabriela, por tudo. Sem teu carinho, suporte e paciência, meu caminho até aqui não teria sido o mesmo. Nossa troca sincera e afetiva fez e fará sempre que eu me aproxime dos meus sonhos. Obrigada pela nossa jornada.

Aos colegas do NUDIF e das demais disciplinas da Pós-Graduação, em especial a Natália e Quésia, por todo suporte e acolhimento de sempre. Agradeço também ao grupo de colegas criado desde o início do meu ingresso no PPG, que tornou o enfrentamento de tudo – em meio ao isolamento social – mais leve e divertido.

À CAPES, agência financiadora do meu projeto, pelo auxílio através da bolsa de estudos concedida e a todos aqueles que, de forma mais indireta, presenciaram minha caminhada.

Aos amigos e família, que estiveram sempre do meu lado. Obrigada por todo amor e incentivo para que eu siga crescendo e conquistando meus objetivos.

Muito obrigada a *todes!*

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>1.1 Apresentação</b> .....	<b>7</b>
<b>1.2 A construção da dupla maternidade</b> .....	<b>8</b>
<b>1.3 Redes sociais na internet e novas formas de compartilhamento: as influenciadoras digitais</b> .....	<b>11</b>
<b>1.4 Reprodução, Relações de Parentesco e a Transição para a Parentalidade</b> .....	<b>15</b>
<b>1.5 Justificativa e Objetivos</b> .....	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>20</b>
<b>MÉTODO</b> .....	<b>20</b>
<b>2.1 Seleção dos perfis e postagens analisados</b> .....	<b>20</b>
<b>2.2 Delineamentos e Procedimentos</b> .....	<b>21</b>
<b>2.3 Análise dos Dados</b> .....	<b>21</b>
<b>2.4 Considerações Éticas</b> .....	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>23</b>
<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>23</b>
<b>3.1 Preparação para Gestação</b> .....	<b>23</b>
<b>3.2 Gestação</b> .....	<b>29</b>
<b>3.3 Parto</b> .....	<b>39</b>
<b>3.4 Puerpério</b> .....	<b>43</b>
<b>3.5 Segundo e Terceiro Ano</b> .....	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>65</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>69</b>

## RESUMO

A dupla maternidade diz respeito à construção de maternidades partilhadas por casais de mulheres não heterossexuais. Essa configuração familiar ainda enfrenta um cenário de pouca visibilidade, ilustrada pela falta de dados oficiais no Brasil, somado a um contexto de sofrimento psíquico decorrente da falta de suporte e preconceito. Dessa forma, o presente estudo teve como objetivo investigar como a experiência da dupla maternidade nos anos iniciais é abordada pelas mães nos espaços digitais, buscando refletir sobre os espaços de visibilização e pertencimento dessa população. Para tal, a análise foi feita a partir das narrativas virtuais construídas por mulheres influenciadoras na rede social Instagram. Trata-se de uma pesquisa qualitativa envolvendo 431 postagens retiradas de 5 perfis selecionados, sendo os dados coletados e analisados seguindo os critérios da Análise Temática. O trabalho parte do referencial teórico dos Estudos de Gênero, Maternidade, concepções de Digital Influencers e Narrativas Digitais. Partindo dos próprios dados, foram criadas as seguintes categorias: preparação para gestação; gestação; parto; puerpério e primeiro ano em diante. A organização por etapas permitiu a exploração de temas específicos dentro de cada período relatado de maneira diacrônica. A dupla maternidade é apresentada por essas mulheres com naturalidade e dentro do mesmo ambiente de amor, descobertas e desafios que comumente marcam os relatos sobre ser mãe. Contudo, as experiências relatadas são sempre atravessadas pelas peculiaridades de ser mãe em uma relação homossexual e, dessa forma, uma família que “escapa” ao referencial heteronormativo que historicamente baliza o imaginário social e cultural sobre parentesco. Nas diferentes etapas, é possível perceber o tensionamento de estereótipos ligados não apenas à dupla maternidade, mas à parentalidade e à constituição de vínculos familiares como um todo. As narrativas digitais tornam possível que esses relatos se disseminem e que públicos diversos sejam impactados por essas manifestações. As influenciadoras assumem um papel de referência no nicho que ocupam e tomam para si muitas vezes a responsabilidade de conscientizar, informar e ajudar, ao mesmo tempo em que se reconhecem e encontram um espaço seguro de troca.

Palavras-chave: dupla maternidade; influenciadoras digitais; narrativas virtuais; gênero.

## ABSTRACT

Dual maternity concerns the construction of maternity shared by couples of non-heterosexual women. This family configuration still faces a scenario of little visibility, illustrated by the lack of official data in Brazil, added to a context of psychic suffering resulting from the lack of support and prejudice. Thus, the present study aimed to investigate how the experience of dual motherhood in the early years is approached by mothers in digital spaces, seeking to reflect on the spaces of visibility and belonging of this population. To this end, the analysis was made from the virtual narratives built by women influencers on the social network Instagram. This is a qualitative research involving 431 posts taken from 5 selected profiles and the data was collected and analyzed following the Thematic Analysis criteria. The work is based on the theoretical framework of Gender Studies, Maternity, conceptions of Digital Influencers and Digital Narratives. The following categories were created: preparation for pregnancy; gestation; childbirth; puerperium and first year of the child. The organization by stages allowed the exploration of specific themes within each period reported in a diachronic way. The dual motherhood is presented by these women with naturally and in the same environment of love, discoveries and challenges that commonly mark reports about being a mother. However, the experiences reported are always crossed by the idiosyncrasies of being a mother in a homosexual relationship and, thus, a family that “escapes” the heteronormative reference that historically guides the social and cultural imaginary about kinship. In the different stages, it is possible to perceive the tensioning of stereotypes linked not only to dual motherhood, but to parenthood and the constitution of family bonds as a whole. Digital narratives make it possible for these reports to be disseminated and for diverse audiences to be impacted by these manifestations. Influencers assume a role of reference in the niche they occupy and often take on the responsibility of raising awareness, informing and helping, while recognizing each other and finding a safe space for exchange.

Keywords: dual motherhood; digital influencers; virtual narratives; gender.

# CAPÍTULO I

## INTRODUÇÃO

### 1.1 Apresentação

O processo de ser mãe, no contexto de uma relação conjugal homossexual, pode apresentar barreiras significativas, principalmente no que diz respeito aos âmbitos biológicos, jurídicos e sociais. Espaços que, comumente, são utilizados para promover bem-estar, saúde e segurança, com frequência revelam-se perigosos e discriminatórios para casais homossexuais com filhos. Nesse contexto, a existência dessas famílias, muitas vezes, é marcada pela opressão e pela rejeição social, impactando o modo como subjetivam as suas relações familiares e parentais. Esse fato contribui significativamente para a redução da conexão social e pode ter um impacto negativo na saúde física e mental desses indivíduos (Power et al., 2019).

No Brasil, não há dados oficiais sobre a quantidade de famílias compostas por casais homossexuais com filhos. A ausência de informações reflete o processo de invisibilização desses sujeitos. Estas famílias, muitas vezes, sentem-se isoladas e pouco representadas de forma geral, carecendo de espaços de compartilhamento e pertencimento. Nesse sentido, a identificação com um grupo de famílias de mesma configuração é importante, não só para a identidade coletiva, mas para a identidade pessoal (Allebrandt, 2015). Para além da identificação social, Rago (2010) constata, no processo de construção subjetiva, a relevância das narrativas pessoais acerca de suas próprias vidas. Ao se dedicarem a essas narrativas, os sujeitos afirmam modos alternativos de inscrição no mundo, deflagrando novas formas de compreenderem a si mesmos e construir realidade (Fischer-Rosenthal, 2008).

A centralidade das tecnologias digitais na sociedade também exerce efeitos sobre a produção dessas narrativas autocentradas. Acompanhando o movimento contemporâneo de globalização e digitalização da sociedade, o contar a si mesmo assume características próprias do espaço digital (Sauter, 2014). Com base no cenário descrito, o presente estudo teve como objetivo compreender que forma a experiência da dupla maternidade nos primeiros anos dos filhos é abordada por essas mães nos espaços digitais e discutir as principais temáticas mobilizadas nestes conteúdos. Para tal, a análise foi realizada a partir das narrativas digitais construídas por mulheres influenciadoras na rede social Instagram.

## 1.2 A construção da dupla maternidade

O fenômeno da maternidade por duas mulheres em uma relação conjugal tem recebido diversas denominações, tais como “maternidade lésbica” ou “homoparentalidade”. Para fins desta pesquisa, optou-se pelo emprego do termo “dupla maternidade”. Conforme sugere Amorin (2019), a noção de dupla maternidade alude um processo criativo no qual se produzem duas maternidades conjuntas. É utilizada pelos próprios casais no Instagram na forma da *hashtag* #duplamaternidade. Assim, fala-se de duas maternidades com o mesmo reconhecimento e o mesmo sentido para as duas partes do casal. Ril (2020) entende por dupla maternidade a vivência compartilhada da função materna entre duas mulheres que constituem filiação, seja através de adoção, utilização de tecnologias reprodutivas (TR), ou mesmo de filhas (os) resultantes de relacionamentos heterossexuais anteriores. No campo jurídico, é a nomenclatura utilizada para designar o direito ao nome das duas mães no registro civil de nascimento da criança.

Privilegiou-se esse termo em detrimento dos demais citados, observando a importância de validar a percepção própria dos sujeitos a respeito do fenômeno. A utilização da *hashtag* #duplamaternidade como estratégia política para reduzir as lacunas presentes entre o reconhecimento legal e social do direito à reprodução, demonstra como as tecnologias foram incorporadas como importantes ferramentas de mobilização social na luta por cidadania (Ril, 2020).

Embora famílias de casais do mesmo sexo tenham alcançado maior visibilidade pública nos últimos anos, ainda existem muitos desafios a serem enfrentados, principalmente no que concerne a lidar com contextos legais e comunitários que não apoiam relacionamentos homossexuais, não apresentam suporte e, com frequência, não tem estrutura para acomodar essas famílias. Nesse sentido, casais do mesmo sexo com filhos tendem a experimentar discriminação nos espaços de promoção de saúde e bem-estar, jurídicos e educacionais. Além disso, ao passar por importantes eventos de vida, tais como engravidar, lidar com pré e pós-natal, providenciar cuidados para os filhos ou mandá-los para a escola, tendem a encontrar atitudes negativas por parte dos prestadores de serviços (Power et al., 2019). Ainda, Carvalho (2018), aponta que qualidade do atendimento em serviços de saúde, no contexto da dupla maternidade, pode ser afetada por questionamentos inadequados, homofobia e comunicação heteronormativa.

Conforme apontam Power et al. (2019), amplas pesquisas demonstram que pessoas atraídas por outras do mesmo sexo experienciam marginalização e estigmatização em



decorrência de sua orientação sexual, experiências estas que geram grande sofrimento psíquico. Esses fatores podem ser agravados quando falamos de pais ou mães em uma configuração familiar não heterossexual, considerando a falta de suporte de forma geral e sofrimentos psicológicos decorrentes de preocupações sobre o impacto da homofobia em seus filhos.

Os autores apontam, ainda, que em um nível mais pessoal, algumas pessoas não heterossexuais encontram uma lacuna em relação ao suporte familiar, ou até mesmo atitudes hostis. Somado a isso, quando essas pessoas decidem passar pelo processo de parentalidade, com frequência, perdem conexões da própria comunidade LGBTQ+, que costuma ser um importante espaço de suporte e validação. Segundo pesquisa feita por Rawsthorne (2009), uma quantidade significativa de mulheres no contexto da dupla maternidade relatou perder o contato com a comunidade sáfica, pois suas redes tornaram-se mais focadas na própria família ou na relação com famílias heterossexuais com crianças. Farias (2017) aponta que a subjetividade se constrói a partir do contexto histórico-cultural em que o sujeito está inserido e, como consequência, as representações e concepções a respeito do mundo perpassam essa lógica.

Foi realizada uma revisão da literatura que aponta a tendência de estudos na temática da dupla maternidade (Johnson, 2012). Estes podem ser examinados a partir de três ondas: a primeira, iniciada no fim da década de 1970, dava enfoque às mulheres que tinham filhos em relações heterossexuais anteriores. Preocupações sobre a custódia das crianças, após as separações, era uma das questões mais debatidas (Pagelow, 1980; Lewin, 1984).

A segunda onda, identificada a partir da década de 1980, passou a investigar as mulheres que haviam se tornado mães no contexto das próprias relações lésbicas. A motivação maior era analisar a saúde mental dessas mães e o impacto potencialmente negativo dos filhos (Green et al., 1986; Kirkpatrick et al., 1981; Gottman, 1990). Na terceira onda, a partir de meados da década de 1990, passou-se a examinar o funcionamento e a dinâmica familiar de mulheres que concebiam seus filhos nas próprias relações do mesmo sexo, especialmente por meio da parentalidade planejada: adoção e reprodução assistida (Patterson, 1995; Gartrell et al., 1996; Johnson & O'Connor, 2002).

Ao abordar as novas configurações familiares da atualidade, é necessário compreender as origens do *status* de novidade atribuído a essas famílias. O casal constituído pelo homem e pela mulher, que, por meio da reprodução biológica, gera seus filhos, legitimado pelo casamento, estabeleceu-se ao longo de gerações ganhando sua condição natural de família tradicional e nuclear (Santos & Gomes, 2016). Assim, casais heterossexuais com filhos têm uma história que os privilegia e garante a sua soberania como lugar de transmissão e reprodução social, cultural e histórica (Hollekim & Anderssen, 2012).

Conforme apontam Uziel e Grossi (2006), o “modelo tradicional” tem estreita relação com papéis de gênero desempenhados por pais e mães no contexto da criação de uma família, visto que há uma expectativa social de que mulheres e homens assumam determinados comportamentos e exerçam funções específicas, dentro dos arranjos familiares. No caso das normas associadas ao gênero, Butler indica que estas andam imediatamente ao lado dos papéis desempenhados nas famílias. A autora sugere que é justamente a instabilidade das normas de gênero que permite sua utilização como fonte de resistência e subversão. O cenário que se testemunha, é que a constituição das famílias de casais homossexuais é balizada por uma norma predominante heterossexual ao mesmo tempo em que a “transgride e reinventa os fundamentos que sustentam as representações erigidas em relação à noção e ao estatuto de família” (Santos e Gomes, 2016, p. 103).

Pederzoli (2017) sugere que o indivíduo incorpora referenciais de gênero e sexualidade que atuam no sentido de organizar a legitimação do exercício de determinadas funções e, além disso, guiam sua inserção na vida familiar. É necessário que os tempos de investigação e abertura social culminem em uma efetiva inclusão dos diversos modelos possíveis de constituição de família entre os sujeitos, a fim de que famílias em arranjos distintos dos propostos pelas famílias nucleares burguesas possam de fato “sair do armário” (Porchat, 2017).

Amorin e Oliveira (2013), assinalam que as famílias compostas por casais homossexuais deflagram um movimento de desafio à legitimidade desses ideais tradicionais de parentalidade e filiação, ao demonstrarem que a família pode ser composta por duas mães e questionarem as essencializações a respeito do parentesco. No contexto da parentalidade heteronormativa, há uma exigência de que existam um pai e uma mãe para a criança que sejam equivalentes quanto à doação genética, ainda que muitas vezes a representação dos papéis que ocupam na sua vida sejam distintos ou desiguais (Strathern, 1995). Porchat (2017) reitera ser fundamental que as discussões relacionadas à família sejam capazes de questionar o que configura uma família, visto que há uma diferença significativa entre considerar a família como uma unidade natural, pautada em questões biológicas e no material genético e pensá-la como um produto ideológico historicamente produzido.

A experiência da dupla maternidade não se dá somente entre as mães que dividem a criação de seus filhos, cabe dizer, mas se complementa na interação com outros sujeitos, sejam eles de famílias em arranjos semelhantes ou mesmo que tenham interesse pelo tema da dupla maternidade de maneira geral. Por muito tempo, o diálogo entre mulheres, mesmo aquelas em contexto conjugal heterossexual, a respeito de ser mãe, permaneceu restrito. Em ocasiões sociais, a maternidade era tratada na condição de cobrança, carência (caso a mulher não fosse

mãe) ou relatos breves. Era raro que mulheres falassem publicamente sobre suas experiências enquanto mães (Pedro, 1998).

Atualmente, as discussões relativas aos direitos homossexuais ganham um lugar no debate político, trazendo à tona questões como o casamento e as uniões estáveis entre pessoas do mesmo sexo. Exige-se não somente o direito à cidadania individual, mas o direito à constituição de uma família. O reconhecimento civil da conjugalidade homossexual teve seu primeiro passo alcançado com a aprovação pelo Supremo Tribunal Federal da união estável entre homossexuais no Brasil em 05 de maio de 2011, e marca uma etapa importante da incorporação nas práticas jurídicas brasileiras (Brasil, 2011).

Embora não haja dados oficiais, no Brasil, sobre casais homossexuais com filhos, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) identificou 60 mil casais homossexuais no País, a maioria formada por católicos (47,4%) e mulheres (53%). Os dados constam de pesquisa realizada com base no Censo do ano de 2010. Somente nos EUA, segundo Gates (2015), entre 2 e 3,7 milhões de crianças menores de 18 anos têm pais LGBTQIA+.

Mulheres em relações lésbicas tendem a ficar mais vulneráveis, pois socialmente considera-se a articulação da prática da maternidade e o exercício da sexualidade não heterossexual como incompatível. Assim, para a mulher assumir sua relação em uma sociedade heteronormativa e, ao mesmo tempo, optar pela maternidade, é necessário percorrer caminhos complexos e, por vezes, doloridos, no qual uma das possibilidades é a luta pela cidadania plena e consolidação dos direitos da mulher, para que a orientação sexual não represente motivo de exclusão dentro do processo da dinâmica social (Uziel, 2007).

### **1.3 Redes sociais na internet e novas formas de compartilhamento: as influenciadoras digitais**

A internet, desde a sua criação, vem modificando a maneira de nos comunicarmos e trocarmos informações. As experiências de produção de conteúdo se alteraram, facilitando e potencializando as interações humanas no âmbito social, cultural e tecnológico. Partindo deste pressuposto, a comunicação em mídias digitais alterou a maneira como nos comunicamos ao encurtar distâncias e imediatizar o processo de troca de informação (Primo, 2018).

Nesse contexto, as redes sociais na Internet representam um novo e complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos. Compreende-se, atualmente, que a análise de redes sociais online é uma forma de observar a estrutura social, construída a partir dos dados relacionais dos atores sociais (indivíduos ou instituições e grupos) e suas inter-relações (Recuero, 2009).

Assim, antigas práticas incorporam e assumem caráter digital. Segundo Karhawi (2018), “formador de opinião” é um termo que integra historicamente os paradigmas do estudo em comunicação. A autora destaca que, antes mesmo do surgimento da internet, existiam sujeitos que, de alguma maneira, influenciavam o pensamento e comportamento de outros. Atualmente, o conceito de “formador de opinião” assume características próprias do espaço digital, sendo essas pessoas reconhecidas como *influencers* ou influenciadores, que utilizam diferentes plataformas para se comunicar com seus públicos. Ou seja, com o advento da internet e das redes sociais, aumentam-se as possibilidades de se tornar um sujeito com potencial para ditar tendências e formar opiniões, ganhando popularidade através dos espaços digitais, ao contrário de antigamente, onde apenas um seleto grupo de pessoas podia assumir este papel (Braga, 2010).

Cabe dizer, no entanto, que nem todo produtor é um influenciador. Esse último diferencia-se pela produção de “conteúdos temáticos, com frequência e credibilidade” (Karhawi, 2016, p. 42). Assim, para a autora, o influenciador “deixa de ser um internauta comum e passa a ser encarado como uma mídia autônoma, uma marca” (2016, p. 42). Ishida (2018), propõe uma tipologia que identifica três tipos de influenciadores: *broadcasters*, conectores e legitimadores. Aqui, interessa-nos apenas a última. Legitimadores são os perfis considerados autoridades nas áreas que atuam. São os primeiros nomes a serem lembrados quando os usuários procuram por uma informação, recomendação ou inspiração dentro de um estilo de vida. Dentro desta categoria, se encontram os legitimadores de tribos ou culturas, que representam um estilo de vida e geram identificação dos outros usuários.

A partir do apresentado, é de interesse, na presente pesquisa, analisar as influenciadoras que utilizam o Instagram como principal canal de comunicação para abordar a temática da dupla maternidade. Para que se possa identificar como essas figuras se inserem nessa plataforma, é pertinente compreendermos de que maneira a rede social se apresenta e quais são suas funcionalidades.

Desenvolvido pelo brasileiro Mike Krieger e o norte americano Kevin Systrom, o Instagram surgiu em fevereiro de 2010. Com ele é possível fotografar, editar a imagem, escolher filtros, compartilhar fotos e vídeos nas redes sociais, marcar a localização onde foi tirada a foto, seguir outros usuários na própria plataforma para visualizar, curtir e comentar nas imagens postadas. A base de relacionamentos do Instagram, característica comumente presente nas redes sociais da internet, se mantém em torno de ter amigos ou seguidores, ou seja, indivíduos que estão vinculados à conta de usuários, com o intuito de acompanhar continuamente as atualizações do outro na rede. A partir de janeiro de 2011, pouco tempo após seu lançamento,

o Instagram adotou o sistema de hashtags interligado ao compartilhamento de imagens. Este recurso facilita a disseminação de um tópico, assim como organiza um conteúdo e as discussões feitas em relação ao tema colocado em pauta. Assim, entende-se que as hashtags corroboram para a dissipação da rede no ambiente online, já que permitem a circulação e a visibilidade das imagens postadas.

O registro sobre si mesmo não é uma prática inaugurada nas redes sociais, ao contrário, sempre serviu como uma maneira de os sujeitos moldarem sua ética, valores, crenças e entendimentos, e refletir sobre suas subjetividades (Sauter, 2014). Entretanto, a ampla disseminação de informações, possibilitada pelo desenvolvimento da tecnologia e a erupção de espaços de compartilhamento e construção de redes sociais, permite que a forma como apresentamos ao outro nossas experiências também circule com maior facilidade.

Figueiredo Souza (2019) se dedicou a explorar especificamente as narrativas pessoais sobre a maternidade nesse contexto de digitalização, definindo-as como discursos e relatos - em forma de micronarrativas - construídos com base na junção entre a vivência materna, narrada pelas autoras, e os recursos disponibilizados pelas plataformas em que tais narrativas são produzidas. A autora sublinha a importância da alteridade para a construção de identidades nesse cenário. Isso porque a interferência do outro exerce influência direta sobre a construção dessas narrativas, que são vistas como formas de organizar o mundo não apenas para quem as procede, mas igualmente para quem as recebe. Ao construírem seus relatos, as autoras teriam consciência de comunicarem-se, potencialmente, com milhares de pessoas. Por isso, narrativas digitais sobre a maternidade se estabelecem em um duplo movimento: no sentido de externalizar opiniões e vivências dessas mães e de mobilizar - ou afetar - o público que as lê.

É dentro desse contexto que se situa o que Piza (2012) chamou de “fenômeno Instagram”. Conforme sugere pesquisa do Opinion Box (2019), o Instagram é a rede preferida de 1 em cada 4 internautas no Brasil. Entre as mulheres, a preferência pelo Instagram é ainda mais alta, chegando a 29%. A difusão do conteúdo no Instagram segue basicamente a lógica do ver e ser visto, ou seja, quando um conteúdo é adicionado, automaticamente este estará disponível a qualquer pessoa que tenha permissão para vê-lo, que esteja envolvido naquela rede.

Com uma estrutura de público em rede, o Instagram é uma plataforma atrativa para pesquisadores em decorrência de seus benefícios, como aponta Boyd (2010): persistência (armazenamento de dados nos servidores), replicabilidade (conteúdos podem ser alterados e replicados facilmente), escalabilidade (o público em rede amplia a visibilidade do conteúdo) e capacidade de pesquisa (recuperação da informação de forma fácil, por meio de metadados, hashtags, usuários e API).

Para Amorin (2019), o tema da dupla maternidade e suas vivências constituem um dos assuntos que a internet torna possível expandir por meio de sua característica de publicização de longo alcance. O uso das hashtags, nesse caso, assumiria até mesmo um caráter político, à medida que permite amplificar modos de vida e famílias que ainda se encontram fora da norma estabelecida pela sociedade. Por isso, a autora entende o Instagram como um espaço particularmente válido para pensar a visibilidade e construção da legitimidade desses projetos de família e suas experiências cotidianas.

O compartilhamento de imagens e textos, que comunicam e colocam em circulação histórias de vida, vivências diárias e a construção da dupla maternidade, se evidencia como importante principalmente em dois eixos. Primeiramente, para a construção da identidade dessas mulheres e pela possibilidade de que tornem públicas sua existência e sua experiência de maternidade. Segundo, para outras famílias que vivenciam realidades similares, no sentido de fortalecer seus processos de identificação e pertencimento (Amorin, 2019).

Quando se trata da vida em um ambiente online, percebemos que os indivíduos presentes nestes ambientes constroem narrativas de suas vidas a partir de suas postagens. Isso acontece porque indivíduos exercem papéis sociais e com estes se habilitam a interagir com os outros personagens da vida cotidiana. Os indivíduos interagentes projetam um conceito de si, que, contudo, não parte somente do seu próprio interior, mas de atributos que possam ser interpretados pelos outros que interagem consigo. Com a internet, esses indivíduos se tornam midiáticos e, conseqüentemente, atores, narradores e personagens de si mesmos (Sibilia, 2008).

A partir do processo de viver a própria vida, o sujeito absorve significados a partir das interações com os outros e, ao mesmo tempo, desenvolve o seu self a partir da incorporação dos elementos vividos (Fischer-Rosenthal, 2008). Entende-se, então, que o self tem sua existência em fluxo constante, no qual somente uma história narrada é capaz de circundar sua complexidade, incluindo transformações biográficas e contradições (Severo, 2017). Para Schutz (2008), essa transposição de ações traz intersubjetividade. A intersubjetividade faz com que o mundo subjetivo de alguém lide com o mundo subjetivo do outro, que se apresenta a este alguém como um mundo objetivado. Isso significa que o acesso ao mundo alheio é objetivado de maneira que o seu conhecimento acerca do outro transcenda o conhecimento que o indivíduo tem de si mesmo.

Nesse sentido, compreende-se a subjetividade, também, como cultural. Atualmente, a sociedade está inserida em um contexto tecnológico, e a construção de narrativas atrelada às novas práticas de comunicação via internet é consequência dessa lógica. A demanda pela informação, somada às diversas tecnologias, faz com que os sujeitos transportem essas

narrativas cotidianas para o ambiente online. Essa condição de narrador do sujeito é muito importante para que a experiência de si seja organizada. Dessa forma, a internet permite que rastros narrativos, como conversas e fotografias, sejam deixados, colocando à disposição dos outros aspectos ligados ao self (Severo, 2017).

#### **1.4 Reprodução, Relações de Parentesco e a Transição para a Parentalidade**

Em sua discussão sobre os modos de exercício da parentalidade na população LGBTQIA+, Zambrano (2006), identifica quatro maneiras principais de acesso para tal: a família com filhos de relação heterossexual anterior; adoção informal ou legal; filhos biológicos por meio de tecnologias de reprodução e a coparentalidade. Na presente pesquisa, as mães analisadas compartilham a opção por terem filhos biológicos a partir de métodos de reprodução (inseminação artificial, inseminação caseira e fertilização *in vitro*).

Até a presente data não há lei especial, no Brasil, que regule a utilização das novas tecnologias reprodutivas no país, embora já existam projetos de lei objetivando estabelecer critérios e responsabilidades na medicalização da reprodução humana. A Resolução do CFM No 2013/13, que entrou em vigor no dia 09 de maio de 2013, deixa claro, por sua vez, que a reprodução assistida pode ser realizada por homens e mulheres solteiros e por casais homossexuais (Silveira, 2017).

É importante retomar que tal escolha não envolve apenas os procedimentos realizados, mas a preparação biológica e emocional para sua efetivação e outros tipos de acordo a serem realizados entre as mães. Entende-se, nesse sentido, que o processo de construção da maternidade ultrapassa o período da gestação. Carvalho et al. (2020) apontam que o momento de escolha da mãe que irá gestar pode representar um momento complexo de negociação para o casal, visto que a parceira que não gera poderá estar exposta a diferentes consequências sociais e legais. Amorim (2019, p. 179) ainda aponta que “sem o peso da gravidez ou da conexão biológica com o futuro filho, a mulher que não gesta pode ver seu lugar enquanto mãe ameaçado”.

Carvalho et al. (2020) apontam que a dupla amamentação - indução da lactação pela parceira que não foi responsável pela gestação – pode ser vista como uma possibilidade biológica, mas também de intensificação do vínculo afetivo, entre a mãe que não gesta e o bebê. Ainda, Marcello (2005) indica que gestar e amamentar são formas de subjetivação feminina a partir do dispositivo da maternidade.

Cabe, no entanto, questionar a essencialização dos processos biológicos para a construção destas maternidades. Conforme pesquisa realizada por Luna (2005), a motivação

principal para o uso das técnicas de reprodução assistida consiste em efetivar parentesco como comunhão de substâncias biológica ou genética, corroborando o que indica Corrêa (1997): mesmo nos dias de hoje, em que se presencia uma variedade de combinações para a formação da parentalidade, a imagem idealizada de maternidades e paternidades “completas” é muito propagada.

Nesse sentido, Pontes (2011) propõe o seguinte questionamento: apesar das novas tecnologias reprodutivas estarem revolucionando as normas procriativas, estariam estas sendo utilizadas para repetir ou aproximar-se de um modelo tradicional de reprodução? Subvertem ou reproduzem – ou ambos – um discurso normatizado? Fonseca (2008) compreende que a parentalidade em casais homossexuais, de qualquer tipo, subverte noções prontas de parentesco e, quando atravessada pelas novas tecnologias de reprodução, se transformam como algo inovador, podendo ser celebrado como uma conquista.

Sabe-se, no entanto, que a proximidade genética e biológica é apenas um, e nem sempre o mais importante, dos critérios usados para definir pertencimento familiar. Pode-se, aqui, retomar a distinção feita por O’Reilly (apud Mendonça, 2014) entre maternidade e maternagem: enquanto o primeiro se refere à sentidos culturais e sociais, pautados sobretudo em questões biológicas, que conferem institucionalidade ao papel das mães, a maternagem diz respeito ao efetivo cuidado com as crianças.

Isto posto, cabe, também, debruçarmo-nos a compreender a experiência gestacional dessas mães, incluindo o papel da mãe que não gera. Piccinini et al. (2008), apontam que o processo da gestação pode incluir alterações complexas e individuais que propiciam medos, dúvidas, angústias ou simplesmente a curiosidade de saber o que está acontecendo com seu corpo e, no caso da mãe que não gesta, acompanhar a evolução da parceira. A vivência da maternidade consiste em um momento “desafiador da vida da mulher, marcado por transformações que acontecem na esfera do corpo, da vida pessoal, conjugal e profissional” (Pesce, 2018, p. 8).

Nesse cenário, Figueiredo (2000) indica que o início da gestação se caracteriza pelo conhecimento e aceitação da gravidez, quer pela grávida quer pelo meio social que a rodeia. Aqui estão incluídas as experiências de compartilhamento com a rede destas mulheres, sejam familiares, amigos, seguidores e até mesmo a equipe profissional responsável por acompanhá-las no processo. Carvalho e Martins (2019) sublinham que o acompanhamento da gestação em um serviço de saúde, por meio das consultas de pré-natal é indispensável para garantir uma gestação saudável e um parto seguro.



Campos (2014) ainda sugere que a expectativa das mulheres a respeito da escolha do tipo de parto tem relação com o conhecimento das mesmas sobre o assunto e as informações que são tratadas pelos profissionais da área de saúde. Evidencia-se, desta forma, a importância de um meio social capaz de acolher e informar as mulheres no contexto da maternidade. Oliveira et al. (2010) retoma o fato de que as mães experienciam curiosidade e expectativa durante toda a gestação, porém, é esperado que, no período em que percebem que o nascimento está prestes a acontecer, sintam seus receios intensificados. Logo, entende-se que esse apoio emocional deve ser estendido à família e/ou acompanhante, que também ajudam no suporte durante esses momentos.

Além dos desafios e especificidades do momento gestacional, é importante também mencionar que as experiências de descoberta em relação à maternidade e maternagem não cessam com o nascimento do/s filho/s. Strapasson e Nedel (2020) mencionam o puerpério como um dos momentos que convocam estas mulheres a seguirem se (re)descobrimo no papel de mãe.

Pinto (2008) aponta, por exemplo, possíveis dificuldades relacionadas à prática do aleitamento materno no período puerperal: problemas com a mama, ingurgitamento mamário, posicionamento e pega, ou problemas relacionados com a interação. Conforme indicam Nelas et al. (2017), a experiência da amamentação pode ser um momento desafiador para as mulheres, visto que orientações adquiridas no processo gravídico nem sempre estão em consonância com a prática experienciada, fazendo com que a fase seja revestida de dúvidas e dificuldades. No contexto da dupla amamentação, estes desafios podem ser intensificados.

Somadas a estas dificuldades, ainda estão incluídos possíveis problemas relacionados à privação de sono, cansaço, acúmulo de tarefas e adaptações necessárias desta fase. Não é incomum observar a presença de sentimentos como medo, frustração, incapacidade e episódios de tristeza em decorrência deste acúmulo e não atendimento das necessidades identificadas pelas mães neste período (Brasil, 2005/ Mazzo & Brito, 2016). Contudo, a fase puerperal também é reconhecida como um momento significativo na formação do vínculo familiar, podendo determinar a qualidade da ligação a ser estabelecida entre mães e filhos (Borsa & Dias, 2004).

Esse processo de reconhecimento dos filhos e da compreensão de sua personalidade segue em constante transformação ao longo dos anos. Conforme sugerem Lopes et al. (2007), o final do primeiro ano de vida caracteriza-se como um período significativo no desenvolvimento infantil, considerando que a criança apresenta novas aquisições em termos de linguagem, locomoção e exploração do ambiente. Ou seja, as mães são constantemente

convocadas a se reorganizarem e se readaptarem às demandas do ambiente familiar. Como indica Winnicott (1979/1983), para que a criança possa explorar ativamente seu ambiente é necessário que os cuidadores se comportem como organizadores deste ambiente. Neste sentido, cabe considerarmos os diversos atravessamentos que perpassam a experiência da dupla maternidade.

### **1.5 Justificativa e Objetivos**

Considerando a pouca visibilidade de casais em relação homossexual com filhos, ilustrada pela falta de dados oficiais no Brasil, somado a um contexto de sofrimento psíquico decorrente da falta de suporte e preconceito, entende-se relevante a produção de conteúdo sobre a temática. Haja vista esse panorama, torna-se necessário promover discussões e repercutir as práticas destes novos arranjos familiares, e compreender, ademais, quais são os espaços encontrados por esses sujeitos quando buscam sentirem-se pertencentes e acolhidos.

As três ondas identificadas nos estudos sobre dupla maternidade a partir da revisão da literatura sugerem que, atualmente, os estudos dão conta de analisar o funcionamento e a dinâmica familiar nesses arranjos. Avalia-se que há suficientes aportes na literatura científica para que se possa pensar em uma próxima etapa de estudos na temática da dupla maternidade, que contemple a análise dos espaços utilizados por essas pessoas para a promoção de sociabilidade e saúde mental. Reúne-se condições para refletir sobre os espaços de visibilização e pertencimento dessa população com vistas ao desenvolvimento de intervenções capazes de abranger as demandas específicas e latentes dessas configurações familiares.

O potencial do Instagram para estudos de comportamento humano é evidente, conforme aponta Zandavalle (2018), considerando que a dinâmica da plataforma incentiva o compartilhamento de registros de atividades diárias por perfis de usuários a todo o momento. Como citado anteriormente, diversas são as possibilidades de exploração desta rede: aprofundamento em estudos sobre a compreensão dos motivadores para a publicação de imagens; atuação de influenciadoras e integração de diferentes recursos de análise.

Com base no cenário descrito, a presente pesquisa é norteada pela seguinte questão: de que forma a experiência da dupla maternidade nos anos iniciais é abordada por essas mães nos espaços digitais? Para tal, a análise foi feita a partir das narrativas digitais construídas por mulheres influenciadoras na rede social Instagram. Especificamente, pretende-se refletir sobre como se dá o papel das redes sociais na construção da experiência de ser mãe no contexto da dupla maternidade; discutir as principais temáticas abordadas nas narrativas produzidas por essas mães e identificar aspectos específicos da experiência de dupla maternidade nesses

relatos. A pesquisa parte dos Estudos de Gênero, Maternidade, concepções de *Digital Influencers* e Narrativas Digitais. Os dados foram coletados através das postagens do Instagram de perfis selecionados, seguindo os critérios da Análise Temática proposta por Braun e Clarke (2006).

## CAPÍTULO II

### MÉTODO

#### 2.1 Seleção dos perfis e postagens analisados

Considerando o objetivo do presente estudo, pretendeu-se investigar de que maneira a temática da dupla maternidade nos anos iniciais aparece nos perfis de influenciadoras digitais que se dedicam a versar sobre suas experiências enquanto mães em uma relação homossexual, no Instagram. Conforme sugere Laestadius (2017), a coleta de dados da plataforma Instagram pode ser feita de três formas. No presente estudo, a extração será realizada de forma manual com os dados de interface de usuário do Instagram.

Quanto aos parâmetros para a coleta, é possível que sejam por metadados, como geolocalização, por hashtags ou por perfis de usuários, a depender do objetivo da pesquisa. Para a busca por conteúdos relacionados a uma temática, é utilizada a coleta por semântica, restrita ao uso de hashtags, no caso do Instagram. A dinâmica do uso de hashtags parte de premissas como identificação de pertencimento a uma comunidade ou a uma discussão (Zandavalle, 2018).

Em um primeiro momento, foram selecionados 10 perfis através da busca pelas hashtags #duasmaes e #duplamaternidade e a sugestão do próprio Instagram de perfis semelhantes. O critério para a primeira seleção se deu em relação a alguns fatores apontados por Ishida (2018), como: o número de seguidores e a proporção entre estes e as interações com o público, aqui mensurado através dos comentários. A métrica de fãs ou seguidores é importante para entender-se o potencial de propagação que o influenciador possui. Além disso, como critério, os perfis deveriam ter como temática principal a dupla maternidade. Estes perfis foram acompanhados diariamente por 30 dias, sendo analisados os assuntos por eles explorados e o engajamento com o público.

A partir desse delineamento, foram selecionados os cinco perfis que mais se destacaram por conterem conteúdos diversos em relação a experiência da dupla maternidade, explorando várias esferas como: vida familiar, vida do casal, gestação, desenvolvimento do filho, entre outros. Além disso, intencionou-se selecionar perfis de influenciadoras diferentes, a fim de aumentar a representatividade da amostra, foram analisadas as postagens referentes à temática da dupla maternidade. Conforme Zandavalle (2018), a construção da amostra, em estudos que utilizam o Instagram, inicia-se com a seleção de um conjunto de dados maior, seguindo-se com as filtragens de modo a preservar-se a validade amostral.

## **2.2 Delineamentos e Procedimentos**

O presente trabalho configura-se como qualitativo, uma vez que contempla a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados a eles, como afirmam Prodanov e Freitas (2013). Segundo os autores, na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte primária dos dados e o pesquisador mantém contato direto com o objeto de estudo em questão.

O estudo foi baseado nas estratégias de análise temática propostas por Braun & Clarke (2006). Este é um método para identificar, analisar e relatar padrões - através de temas - dentro dos dados. Ainda, ela organiza e descreve o conjunto de dados em detalhes, proporcionando a interpretação de vários aspectos do tema de pesquisa. Primeiramente, foi definido um período de referência para a coleta do material empírico, objetivou-se identificar e organizar - de maneira simples, não estruturada - os aspectos mais importantes para as próximas etapas da análise.

A partir dos objetivos específicos desta pesquisa, na exploração inicial do material, pretendeu-se identificar os textos e imagens que se relacionam, direta ou indiretamente, com a experiência da dupla maternidade. Foram consideradas as postagens que abordam este processo, seja através de informações, de relatos pessoais, compartilhamento de experiências ou interação com o público.

A busca foi realizada até que fosse alcançado material suficiente para a compreensão do fenômeno, baseado no critério de saturação, proposto por Stake (2006). Após este processo, foi empreendida uma leitura mais aprofundada dessas postagens (texto e imagem), para assim, prosseguir para a etapa da análise, de codificação e categorização do material. Esta fase, conforme aponta Zandavalle (2018), relaciona-se diretamente com o objetivo do estudo, considerando que é a partir desta codificação que serão construídas as análises e obtidos os resultados. Nesse sentido, “a análise qualitativa permitirá identificar-se a espontaneidade e as particularidades expostas nas imagens, ao contrário de automatizações e ferramentas que limitam a identificação de padrões” (Zandavalle, 2018, p. 83).

## **2.3 Análise dos Dados**

Braun e Clarke (2006) apontam que o processo da análise temática se inicia quando o pesquisador começa a notar e procurar padrões de significado e questões de interesse potencial nos dados, o que pode ocorrer ao longo da coleta. Desta forma, a análise requer um movimento constante de avanço e recuo pelo conjunto dos dados, pelos extratos codificados que estão sendo

analisados, bem como pela análise que está sendo produzida. As autoras propõem um esboço que pode servir como guia através de seis fases de análise, assim, a escrita acontece ao longo de todo o processo, devendo começar na fase inicial, com as anotações de ideias e esquemas de codificação potenciais, e seguir através de todo o processo de codificação e análise.

Inicialmente, tem-se a etapa de familiarização com os dados - transcrição, leitura, releitura e apontamento de primeiras ideias, a partir daí, geram-se os códigos iniciais, ou seja, a codificação das características interessantes dos dados de forma sistemática. O agrupamento desses códigos em temas potenciais se dará através da reunião de todos os dados relevantes para tal. Em seguida, revisa-se e verifica-se se os temas funcionam em relação aos extratos codificados e ao conjunto de dados inteiro, gerando um "mapa" temático da análise. Por fim, se define e nomeia os temas, através de uma nova análise para refinar as especificidades de cada um e a realizar a produção do relatório. Isto é, a análise final dos extratos selecionados, relação entre análise e questão da pesquisa e literatura.

Na presente pesquisa, as etapas propostas foram seguidas, tendo sido feita a leitura e releitura inicial das postagens dos perfis selecionados, possibilitando a codificação de características relevantes de forma sistemática, bem como a seleção de dados pertinentes para cada código. Em sequência, foi realizado o agrupamento de códigos em temas potenciais, bem como a verificação se os temas estavam em sintonia com os extratos codificados.

#### **2.4 Considerações Éticas**

Conforme a resolução n.º 510 (Brasil, 2016), que dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, não serão avaliadas pelos Comitês de Ética em Pesquisa (sistema CEP/CONEP) as pesquisas que utilizem informações de domínio público. Segundo Bousso et. al (2014), quando em sistema aberto, a publicação de dados sugere que estes podem ser trabalhados por pesquisadores sem a necessidade de autorização dos autores do conteúdo. No presente estudo, foram utilizados apenas perfis abertos ao público, sem a necessidade de consentimento dos autores do material.

## **CAPÍTULO III**

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Neste capítulo, são apresentados os dados relativos às postagens mapeadas no Instagram sobre a dupla maternidade, mediante os métodos citados no capítulo anterior. Foi realizada uma busca no Instagram a partir das hashtags #duplamaternidade e #duasmães e foi observado o critério de heterogeneidade. Nesse sentido, foram selecionados cinco perfis que pudessem representar diversidade sociocultural e racial. A coleta dos dados se deu de forma diacrônica, e a linearidade das postagens permitiu que fosse possível observar o processo de desenvolvimento das maternidades ali representadas. A análise temática (Braun & Clarke, 2006) foi realizada, assim, dentro de uma perspectiva temporal de desenvolvimento.

Os temas derivados da análise serão apresentados seguidos de discussão, a partir de cada um dos seguintes eixos temáticos/etapas da maternidade: preparação para gestação; gestação; parto; puerpério; primeiro ano em diante. A partir desse recorte, foram analisadas 431 postagens publicadas pelas mães influenciadoras. Pseudônimos foram criados para garantir a preservação da identidade das participantes.

#### **3.1 Preparação para Gestação**



Esta seção discute os principais temas identificados na etapa da preparação para a gestação. Entende-se esse período como relevante no processo de decisão pela dupla maternidade, por envolver aspectos associados a escolhas e preparações atinentes à construção dessas famílias. Dessa maneira, pode representar uma forma de repensar os modelos teóricos sobre desenvolvimento humano, de maneira geral embasados em relações heterossexuais.

Dentro dessa etapa foi possível reconhecer alguns eixos temáticos centrais relacionados às experiências de dupla maternidade das mães influenciadoras selecionadas para este estudo. Primeiramente, destacam-se postagens relacionadas à escolha e aos procedimentos associados aos métodos reprodutivos. Zambrano (2006), em sua discussão sobre os modos de exercício da parentalidade por homossexuais, travestis e transexuais, identifica a partir da literatura quatro maneiras principais para acessar a homoparentalidade. Seriam a família com filhos de relação heterossexual anterior; adoção informal ou legal; filhos biológicos por meio de tecnologias de reprodução; e a co-parentalidade.

As mães aqui analisadas têm em comum a opção por terem filhos biológicos a partir de tecnologias de reprodução, e esse fator ocupa espaço significativo em seus relatos. Isso porque determinados métodos de reprodução envolvem não apenas os procedimentos realizados, mas

o processo de escolha por um método em detrimento dos outros, a preparação biológica para realização e outros tipos de acordo a serem realizados entre as mães.



Nesse contexto, o processo de construção da maternidade ultrapassa o período da gestação: engloba o planejamento da reprodução e as decisões que são tomadas com essa finalidade, tal como a de quem irá gestar a criança. A decisão por quem engravidará pode ser facilitada quando apenas uma das mulheres manifesta tal desejo. Se ambas tiverem essa vontade, a decisão pode representar um momento complexo de negociação para o casal, considerando que uma delas irá gestar a criança e a outra não, o que pode acarretar diferentes consequências sociais e legais para a parceira que não gera (De Carvalho et al., 2020). Aqui observamos o relato de como foi o processo de decisão para um dos casais:

Eu sempre soube que seria mãe, e sempre soube também que não gestaria, engravidar não era uma opção pra mim. Não pensei sobre o assunto durante muitos anos, mas sentia que meus filhos chegariam até mim de alguma forma. Quando comecei um relacionamento com a Tallulah eu soube quase que imediatamente que ela também seria a mãe dos meus filhos e entendi que eles viriam ao mundo através dela (poderia ser de outras formas, mas essa era nossa forma). Eu tenho um orgulho imenso da nossa história e da nossa família, a dupla maternidade é, e sempre vai ser a minha, a nossa bandeira  
 

Conforme Amorim (2018, p. 18), os novos modelos de tecnologias reprodutivas introduzem também novas formas de “conectar substâncias reprodutivas, de manipular, conservar e gestar embriões [...] modos que escapam da habitual necessidade de conexão sexual entre dois corpos distintos para produção de crianças”. No exemplo a seguir, uma das influenciadoras compartilha com seus seguidores a decisão do casal pelo método da inseminação caseira:

**\*\*DECISÃO DE IC\*\***


-

Como todo sabem o sonho de um casal lgbt, não só lgbt mas um sonho de um casal é construir uma família, seja ela como for. E com a gente não foi diferente, nos conhecemos e quando realmente sentimos que era a hora de ter uma bebê começamos a pensar em como! Como todos sabem processo de adoção demora pra caramba e inseminação artificial exige uma grana alta, então fizemos a IC (inseminação caseira) procedimento feito em casa, a mais não é arriscado? Sim é, exige uma série de cuidados desde o doador ao procedimento, mas fizemos tudo conforme os cuidados exigidos. Exames de sangue... No começo achamos mesmo que não iria dar certo, pois passamos por várias dificuldades, desde a aceitação de nossos pais, a gravidez arriscada do início ao fim. Eu sou a quem gerou a bebê, tive placenta baixa, isso dificultou bastante segurar a bebê. Mas no final deu tudo certo, fica de olho nos próximos posts  



#lgbt #inseminacaocaseira #amordeduasmaes #loveislove #lesbicas

É possível perceber, no relato, uma série de dúvidas e desafios elencados pela influenciadora no compartilhamento das experiências relacionadas às diferentes tecnologias reprodutivas. Primeiramente, é apontada a demora no processo de adoção e o alto custo dos procedimentos de inseminação artificial, realizados em laboratório. Nesse sentido, o casal optou por realizar o processo em casa, com a chamada inseminação caseira (IC), e compartilha, na postagem, alguns dos cuidados, medos e riscos implicados nessa decisão. Também buscando expor de forma autêntica algumas das dificuldades encontradas no processo de engravidar no contexto da dupla maternidade, outra mãe influenciadora documenta em seu Instagram as etapas do processo de Reprodução Assistida, acompanhada por equipe médica:

Uma das etapas mais emocionantes do processo de Reprodução Assistida, a administração de hormônios pro aumento de folículos ovarianos, pra aumentar as chances de gravidez. Uma fase cheia de expectativa e ansiedade, mas que passamos com muita alegria e pensamento positivo. Cada agulhadinha valeu a pena, eu que nunca tinha pegado em uma seringa, estava ajudando os nossos ovinhos a crescerem. A Tallulah passou por vários exames intensos e alguns dolorosos, mas tudo com muita vontade e amor, foi muito forte o tempo todo (está sendo). Tenho muito orgulho dela e da nossa história 

Alguns relatos denotam preocupação, inclusive, em fornecer algumas explicações sobre a dinâmica dos métodos adotados e diferenciá-los de outros que despontam como possibilidades para mulheres que buscam a dupla maternidade:

FIV: Algumas pessoas confundem fertilização com inseminação. Fertilização é o processo mais eficaz por o óvulo ser fecundado fora e só ser colocado no seu útero quando o embrião já está formado. Inseminação, o semem é colocado e ele precisa encontrar seu óvulo e fecundar dentro de você. Fizemos uma FIV e Simon e Renato foram colocados no 5º dia, quando os embriões já estavam em blastocisto, que é considerado a melhor evolução dos embriões antes de serem colocados no útero. A gente não quis saber o sexo antes e os meninos foram uma surpresa e tanto. Na família de Vita temos 04 sobrinhas meninas e na de Virginia nem menina, nem menino. Os meninos serão os primeiros machinhos de ambas vovós e vovôs.

Cabe pensar, aqui, no duplo movimento em que se estabelecem as narrativas digitais sobre a dupla maternidade, conforme discutido anteriormente neste trabalho: são relatos que servem para externalizar percepções e vivências das mães, mas também no sentido de mobilizar e/ou afetar o público que as lê, comumente outras famílias com dúvidas e experiências

similares. Essa é uma das principais funções do ambiente virtual, nesse caso o Instagram, relacionadas à constituição de uma rede de compartilhamento de experiências entre essas mães e outras mulheres.

Como sugerem Oliveira-Cruz et al. (2021), as relações estabelecidas entre mães no Instagram viabilizam a construção de redes em que é possível expor situações cotidianas e partilhar das dificuldades e sentimentos associados ao exercício dessa maternidade. Esse cenário se aplica também às formas de estabelecimento da dupla maternidade na plataforma, mas com uma especificidade principal: sendo uma minoria política, atravessada por uma série de desafios jurídicos, institucionais, socioculturais, entre tantos outros, para as famílias construídas a partir de relações homossexuais, mostra-se especialmente importante criar esses laços e encontrar espaços seguros de partilha, acolhimento e troca.

Outro aspecto que apresenta protagonismo nas narrativas analisadas na etapa de preparação para gravidez é a escolha do doador para o processo de inseminação:

Escolha do doador: acho que todo mundo que já passou pelo processo de FIV tem a sensação de que cada etapa tem que ser vivido por partes, sem afobação, por que se não a ansiedade só atrapalha. Escolher o sémen do doador foi uma parte do processo que encaramos com muita naturalidade e bom humor. A clínica que fizemos a FIV nos ofereceu 02 opções de banco de sémen, um americano e um nacional. O que nos fez decidir pelo nacional foi a agilidade da compra e a legislação brasileira, tendo em vista que o anonimato é garantido entre as partes. No que diz respeito às características, como misturamos nossos óvulos, não escolhemos características parecidas com uma ou com outra... poderíamos escolher três opções e nas três escolhemos características neutras (com genes recessivos) e hobby's e gostos semelhantes aos nossos (mesmo acreditando que o que pesa mesmo é o dia dia). Segue a imagem do modelo da ficha que escolhemos o doador pra vocês terem uma ideia de como foi. Lembro que no dia que escolhemos fomos jantar em comemoração da escolha, ali sabíamos que mais um passo tinha sido dado, ali sabíamos que daquele gene viria nossos amores ❤️❤️❤️👉👉👉

A necessidade de se escolher um doador, como vemos na manifestação da influenciadora, envolve definir também características, gostos, hobbies, pensando nas implicações do material genético desse indivíduo. Ainda que seja um processo sigiloso, com anonimato entre as partes assegurado pela legislação brasileira, sublinha-se esse também como um marco da fase de preparação para a gravidez, o que é também uma especificidade desse processo da dupla maternidade. De maneira análoga, tem-se a escolha de qual das mães irá gestar a criança, tópico abordado no relato a seguir:

Decisão de quem vai gestar: Perguntam muito pra gente como foi sobre a decisão de quem iria engravidar. Também temos uma curiosidade, saber o que vocês achavam! Vita ou Virginia?

Bem, conosco podemos considerar que foi uma decisão muito tranquila e natural. Desde que começamos nosso relacionamento a 9 anos atrás, sempre comentamos que gostaríamos de ter filhos e Vita sempre se posicionou com o desejo de gerar, os anos se passaram e Virginia fez cirurgia bariátrica, abdominoplastia e mamoplastia, esses motivos também influenciaram, além de Virginia ser empresária e Vita ter um vínculo mais estável, fatos que precisaram ser ponderados e foram de certa forma decisivos em nosso planejamento familiar. Então quando chegou o momento, isso já tava tão intrínseco que não tivemos uma conversa formal sobre o assunto, apenas deixamos acontecer e fluir naturalmente.

Conforme Strathern (1995), no contexto da parentalidade heteronormativa, existe uma exigência de que existam um pai e uma mãe para a criança que sejam equivalentes quanto à doação genética, ainda que muitas vezes a representação dos papéis que ocupam na sua vida sejam distintos ou desiguais, a mãe ficando em geral como figura principal de cuidado e o pai assumindo o papel de coadjuvante. Nas narrativas analisadas, percebe-se uma busca pelo tensionamento dessa concepção de família a partir dos termos genéticos ou biológicos, bem como de estereótipos de gênero. Os aspectos tidos em consideração para a escolha entre as duas mulheres se dão, sobretudo, pelas condições físicas e associadas ao regime de trabalho de cada uma delas. É possível inferir, portanto, que não está representado um entendimento de que a mãe responsável por gestar seria “mais mãe” do que a outra, dado que, nesse caso, os vínculos familiares se estabelecem pelos laços afetivos.

Na perspectiva de Porchat (2017), é fundamental que qualquer profissional que vise discutir questões relacionadas à família seja capaz de questionar o que configura uma família. Isso porque há uma diferença significativa entre considerar a família como uma unidade natural, pautada nessas questões biológicas e no material genético, e pensá-la como um produto ideológico historicamente produzido. Apontar alteração na ordem tradicional, em que a família se assenta sobre uma relação dicotômica entre os gêneros, significaria, portanto, “ameaçar a estrutura sobre a qual a sociedade está consolidada” (Pederzoli, 2017, p. 67). Daí a importância de relatos sobre a escolha do doador e de qual mãe irá gestar o bebê no processo de questionamento das dicotomias de gênero historicamente consolidadas. Além de compartilharem a maneira como se deram esses processos, as mães descrevem-nos como naturais, de certa forma inerentes à opção pela dupla maternidade, o que pode ajudar na desmistificação e na naturalização dessas práticas, muitas vezes tidas como tabu no debate público.

Discute-se, ainda, no cenário da preparação para a gestação, a importância de uma sólida rede de cuidados, principalmente no que diz respeito aos profissionais envolvidos no processo de Reprodução Assistida. Power et al. (2019) apontam que, com frequência, casais do mesmo sexo com filhos experienciam discriminação nos espaços de promoção de saúde e tendem a encontrar atitudes negativas por parte dos prestadores de serviços. Nesse sentido, nota-se que o compartilhamento de informações referentes a uma rede de profissionais capacitada adquire especial relevância para essas mulheres, visto que estas se encontram mais suscetíveis a potenciais situações de discriminação ou preconceito.

A concretização: Quem concretizou o nosso sonho foi a maravilhosa [supressão de nome]. Marcamos de ir pra vários médicos que trabalham com fertilização, mas ela foi a primeira e logo desistimos de ir nos demais. Uma mulher de energia incrível, com uma equipe maravilhosa, preparada e de uma simpatia que nos apaixonamos na primeira consulta, esse tipo de médico precisa bater a química sabe? Precisamos nos sentir confiantes e em casa. Fomos nela em 2018 apenas buscar informações, tirar dúvidas e amadurecer a ideia, depois voltamos oficialmente 2019 que foi quando já tínhamos tudo decidido e estávamos prontas pra iniciar todo o procedimento

Para além da importância de uma rede profissional e afetiva, observa-se, nos relatos, uma preocupação referente ao contexto social e histórico em que estas mulheres estão inseridas. Medos relacionados a intolerância e preconceito advindos de discursos sociais são identificados. Farias (2017) aponta que a subjetividade é construída a partir do contexto histórico-cultural em que o ser humano está inserido e, como consequência, as representações e concepções a respeito do mundo perpassam essa lógica.

Optamos com aumentar nossa família em um ano de caos, de trevas, de intolerancia. Mas aqui somos o puro amor, não vamos nos deixar levar pela onda de medo, seremos resistência. Precisaremos mais do que nunca de amigos, de parceiros, de figuras que nos amparem sempre que viver esteja difícil. Não seremos medo, nem vamos nos esconder, contamos com os amigos para sermos persistência e amar sempre que o odio chegar.

Foi possível, identificar, portanto, alguns temas relevantes para a compreensão do processo de representação da dupla maternidade a partir das narrativas produzidas pelas mães influenciadoras na etapa em que estavam preparando-se para a gestação. A próxima seção será destinada à apresentação das temáticas sobressalentes na etapa de gestação.

### 3.2 Gestação


Nesta seção, estão descritos os temas reconhecidos na etapa de gestação. Estão incluídas questões ligadas à descoberta e anúncio da gravidez, escolhas sobre a equipe médica e o tipo de parto a ser realizado, consultas pré-natais e mudanças corporais observadas no processo da gestação, expectativa para o nascimento, assim como marcos importantes desse período. Além disso, constata-se a presença de discussões sobre papéis parentais nos casais de mulheres com filhos, assim como reflete-se sobre o preconceito que muitas vezes as mães enfrentam ao apresentarem suas famílias, seja relacionado a manifestações de outras pessoas ou atrelados a um despreparo institucional para lidar com esse modelo familiar.

A gravidez é um evento singular e marcante na vida da mulher, produzindo mudanças psicológicas, hormonais e físicas que preparam o organismo materno para gerar um indivíduo. São alterações complexas e individuais, que variam entre as mulheres e podem propiciar medos, dúvidas, angústias ou simplesmente a curiosidade de saber o que está acontecendo com seu corpo (Piccinini, Gomes, De Nardi & Lopes, 2008). Assim como ocorre no caso da etapa anterior, de preparação à gestação, no contexto da gestação também são percebidas singularidades da dupla maternidade em relação ao gestar de mulheres em relações heterossexuais. Ainda que muitas das questões tratadas, como a descoberta da gravidez, a preparação para a chegada dos bebês e as consultas pré-natais, entre outras, sejam comuns a diferentes modelos de famílias, a forma como são vivenciadas e abordadas no âmbito da dupla maternidade assume contornos próprios.

GESTAR: Quanta responsabilidade!! Vocês não fazem ideia da responsabilidade que carregamos por esta gerando um filho e no nosso caso, dois! Tudo que você quer ou pensa em fazer até um copo de água, você pensa de onde veio essa água pra não prejudicar os meninos e a evolução deles. Que responsabilidade! Não sei se todas as mães geradoras sentem o que sinto, mas confesso pra vocês que tive todos os cuidados e privações que tivesse possibilidade de fazer algo de mal pros meninos. Tudo isso fiz com muito amor, orgulho, prazer e satisfação. Está chegando a hora oficialmente de dividir essa responsabilidade com Patrícia, me sinto um pouco aliviada, pois uma linda fase está sendo cumprida e eu consegui, consegui passar a gestação fazendo tudo de melhor pros meus filhos. Não tenho dúvidas que Virginia vai abraçar essa responsabilidade comigo de uma forma plena, firme e linda e que venha essa nova fase, estamos doidas e ansiosas por esse momento e imaginando todo dia como será cada etapa. Dificuldades? Certeza que terão várias. Medo? Aff, só de pensar me dar um arrepio. AMOR? De sobra e isso é o que importa pra tudo dar certo! ♥

Em um primeiro momento, através dos dados coletados, observa-se um movimento de anúncio da gravidez e de apresentação do perfil para os seguidores. Fica evidente o entusiasmo

ao dividir a notícia da gravidez com o público, na medida em que trocam experiências e vivências pessoais. Ao compartilhar este novo momento de vida, nota-se que, para além de fornecer informações e inspiração para pessoas em arranjos semelhantes, estas mulheres contam com o apoio de seus seguidores. Segundo Figueiredo (2000), o início da gestação caracteriza-se pelo conhecimento e aceitação da gravidez, quer pela grávida quer pelo meio social que a rodeia. Desta forma, a rede criada através da plataforma digital, ocupa, também, uma função de validação da experiência, como podemos observar:

Nosso primeiro post não poderia ser diferente: o dia que alcançávamos um grande marco de nossa jornada, o dia que o teste de gravidez de farmácia deu positivo. O perfil será alimentado pelo casal Virginia e Vita e pretendemos com ele narrar a nossa história e esclarecer tantas dúvidas que ainda existem sobre maternidade homoafetiva e a fertilização in vitro (FIV) e é claro compartilhar os momentos incríveis que vivemos e que ainda iremos viver. Vamos nessa com a gente? 

Como sugerem Piccinini et al. (2008), o cuidado à gestante influencia favoravelmente a evolução da gravidez, diminui riscos e efeitos desfavoráveis à saúde da criança e proporciona a vivência de sentimentos e emoções, pelo fato de ser essa fase o início do desenvolvimento do vínculo afetivo com o novo ser. Desta forma, evidencia-se que a rede, no momento de descoberta da gravidez, ocupa um papel de extrema relevância na trajetória destas mulheres.

Contudo, os casais homossexuais que optam por dividir este momento, enfrentam, ainda, dificuldades adicionais relacionadas à potenciais situações de intolerância ou preconceito. Situações estas que podem surgir, inclusive, da própria família. Segundo Power et al. (2019), muitas gestantes em relações não heterossexuais encontram uma lacuna em relação ao suporte familiar, ou até mesmo atitudes hostis. Aqui observamos o relato de uma das mulheres a respeito do compartilhamento da gravidez com a família:

Família: haaa... família. Algumas pessoas tem perguntado no inbox sobre nossa relação com nossa família. Bem, 09 anos de relacionamento e muitassss águas rolaram, nem tudo foram flores mas o respeito sempre veio na frente e o amor venceu. Nossas famílias convivem em plena harmonia e abençoaram nossa união, atualmente estão ansiosos pela chegada dos meninos. Lógico que cada história é única e não tem receita de bolo, mas uma coisa é certa: com respeito e amor a gente chega longe.

Ainda no que inclui a rede destas mulheres, nota-se uma preocupação em relação à escolha da equipe médica e profissional que acompanhará a gestação. Estudos indicam que a qualidade do atendimento, no contexto da dupla maternidade, pode ser afetada por questionamentos inadequados, homofobia e comunicação heteronormativa (Carvalho, 2018).

Percebe-se, assim, a importância de escolher uma equipe médica de confiança, para que se sintam confortáveis e acolhidas ao longo de todo processo. Ainda, observa-se um movimento de indicação em relação a estes profissionais, para evitar que outras mulheres sejam expostas a situações de preconceito ou despreparo institucional.

Já estamos na segunda consulta de pré-natal, a primeira depois da ecografia morfológica do primeiro trimestre. Estamos fazendo pelo SUS, no [supressão de nome] assim como o tratamento de fertilização. Só temos a agradecer a equipe de médicos daqui, que é maravilhosa♡ Nem tudo é tão fácil quanto parece, quem depende e usa o SUS sabe como é, mas com muito esforço e um pouquinho de sorte tudo se encaminha

Reitera-se que o acompanhamento da gestação em um serviço de saúde, por meio das consultas de pré-natal é indispensável para garantir uma gestação saudável e um parto seguro (Carvalho & Martins, 2019). Desta forma, fica evidente a necessidade de uma boa relação com a equipe profissional que prestará estes serviços. Além disso, escolhas importantes também são influenciadas pelo tipo de relação que se mantém com estes prestadores. Conforme sugere Campos (2014), a expectativa das mulheres a respeito da escolha do tipo de parto tem relação com o conhecimento das mesmas sobre o assunto e as informações que são tratadas pelos profissionais da área de saúde. A aproximação com a equipe garante uma atenção integral, com potencial para esclarecer dúvidas e anseios característicos deste momento de vida:

PARTO: Equipe médica escolhida e a pergunta que sempre vem a calhar...”vai querer normal?” A gente sempre conversou muito entre a gente e mamãe Virginia sempre falou que esta teria que ser uma decisão da mãe Vita afinal ela quem vai parir, o corpo é dela, a decisão tem que vir dela. Ela por sua vez, sempre demonstrou querer entrar em trabalho de parto independente da via e ter um parto humano. Lógico que mamãe Virginia participa de todas as conversas, dá sua opinião quando consultada, vai para todas as rodas de parto. Pois bem, ela foi construindo sua opinião com o tempo, após ir pra bastante as rodas, ler matérias, assistir documentários, conversar bastante com nossa médica, participar de cursos, chegamos a decisão de querer um parto normal e humano, porém no caso de gemelar não depende apenas da decisão das mães, o primeiro ponto pra que seja possível o parto natural em gravidez gemelar, é que o primeiro bebê (em nosso caso Renato) esteja cefálico (de cabecinha pra baixo). Renato passou toda a gestação cefálico e nas duas últimas ultras está pélvico, o que não nos permite parto natural, nos trabalhamos muito para que não ocorresse frustrações caso isso ocorresse e assim tem sido, estamos bens e sabemos que assim como tudo que acontece em nossas vidas está escrito e se tiver que ser cesárea não temos dúvidas que será humano e inesquecível da mesma forma. É bem clichê mas o que importa é eles virem com saúde e isso eles estão de sobra 😊❤. Em nossa opinião, importante mesmo é eleger uma via de parto de preferência mas focar na saúde mental da mamãe neste finzinho da gravidez para que as coisas fluam. Alguém apostaria se Renatinho ainda vira?

Conforme sugere Pacheco et al. (2005), a forma como a grávida antecipa o parto determina muitas dimensões importantes do seu bem-estar e comportamento em relação a esta experiência, identificando os seus medos e receios, assim como o tipo de preparação que irá realizar, o local que irá escolher, a escolha ou não de técnicas de controle da dor, as pessoas que deseja ter presentes, entre outros aspectos. Além disso, sabe-se que, de forma geral, a vivência da maternidade consiste em um momento “desafiador da vida da mulher, marcado por transformações que acontecem na esfera do corpo, da vida pessoal, conjugal e profissional” (Pesce, 2018, p. 8). O momento da gestação carrega diversas dessas transformações, como se observa no relato das mães. Mudanças relacionadas a aspectos físicos da gravidez são também documentadas pelas mulheres nos relatos disponíveis em seus perfis:

Post 1: A maternidade é muito romantizada, logo que não seria diferente com a gestação. Não viemos aqui mostrar uma família linda, perfeita e feliz.

Com certeza nós somos uma família linda e feliz mas não somos perfeitas! Durante o processo da FIV nós duas passamos por processos hormonais, eu pra aumentar a produção de óvulos e Ruth usou bastante progesterona e estrogênio.

Então imagina aí uma mulher grávida e outra hormonizada juntas o tempo todo, convivendo sozinhas durante toda a pandemia, pois é quebrada não foi fácil.

Vários momento colocamos nosso relacionamento a prova, pensamos em desistir uma da outra em vários momentos, surtavamos juntas, riamos juntas, choravamos juntas.

Muitos momentos a gente uma não conseguia lidar com a outra, mas nosso amor preto é resistência, a gente sabia que tudo aquilo era uma fase e que em breve estaríamos felizes e cultivando os frutos do nosso amor.

Enfim resistimos e sobrevivemos a todos os caos da gestação, na época foi muito tenso, mas toda aquela tensão só serviu pra fortalecer o nosso amor e a lidar ainda mais com os obstáculos da vida a duas.

Hoje em dia nossa relação está mais fortalecida, a gente tem se amado mais do que o normal, felizes e muito oorgulhoss da família preta que a gente formou 🤗❤️🤗

Post 2: EVOLUÇÃO: A barriga da mamãe Vita no começo nem parecia que tava grávida, muito menos de gêmeos! Todo mundo achando que ela tava mais gordinha, e as perguntas quando dizia que era gêmeos!?( eles estão bem? Tão no tamanho correto? 😊) e ela ansiosa pra mostrar esse barrigão lindo e tão comentado por todos. Hoje no oitavo mês, as pessoas perguntam se é pra amanhã (rs). Cada gravidez, um mundo, uma barriga, uma evolução! Uma gravidez tranquilíssima, sem enjoos, sem insônias, sem nada! Uma gravidez de paz espiritual e de muita energia positiva, que se perdue até o nascimento e após! 🙏❤️



Para além dessas mudanças próprias da evolução da gestação, como o aumento da barriga e a presença ou ausência de sintomas físicos, como enjoos e insônias, as narrativas da dupla maternidade mapeadas trazem uma questão específica, de bastante centralidade em suas manifestações: a preparação para a amamentação. Isso porque, em alguns casos, a mãe que não é responsável por gestar, por meio da introdução de hormônios pode também amamentar o bebê, como consta nas falas em destaque:

Post 1: Não estou grávida e vou amamentar.  
As transformações de um corpo feminino.  
9 remédios diariamente para produzir leite.  
E meu peito cresce demais a cada dia.  
Mais um mês e Já devo começar a ter leite <3

Post 2: Minha produção de leite cada dia aumentando mais....eiitaaaaa alegria  
<3

Em estudo realizado sobre o envolvimento paterno nas atividades de cuidado com o bebê no contexto de casais heterossexuais, Piccinini et al. (2012) apontaram a percepção do pai de que o fato de a mãe amamentar representava uma posição privilegiada na relação com o bebê. Conforme Marcello (2005), gestar e amamentar são formas de subjetivação feminina a partir do dispositivo da maternidade. É uma maneira de nutrir seu filho e também de legitimar o vínculo entre mãe e bebê, carregando determinadas percepções culturais. Pode-se inferir que, quando a discussão é transportada para o que diz respeito à dupla maternidade, a amamentação por parte da mãe que não gesta configura-se duplamente como legitimação da maternidade. Amorin (2019, p. 179) sublinha que “sem o peso da gravidez ou da conexão biológica com o futuro filho, a mulher que não gesta pode ver seu lugar enquanto mãe ameaçado”. Além da amamentação, a autora cita que mesmo a reiteração das postagens em que estão presentes as duas mulheres, grávidas, durante o parto, no teste de gravidez positivo, com a barriga aumentando, são estratégias fundadas em consolidar o lugar da mãe que não engravidou e, portanto, não teria um vínculo biológico na construção da família.

A consolidação da maternidade e o papel da mãe que não gesta são um ponto-chave na abordagem da dupla maternidade por essas mães. Como visto, as concepções de família calcadas nos aspectos biológicos, isto é, em parentesco sanguíneo, não dão conta de arranjos como os construídos pelas mães aqui pesquisadas. Nesse sentido, Porchat (2017) aponta para a necessidade de que sejam incluídas nessas conceituações novos modelos possíveis de constituição de família entre os sujeitos. Conforme a autora, vive-se um tempo de investigação

e abertura social, em que, ao menos em tese, famílias em arranjos distintos dos propostos pelas famílias nucleares burguesas podem “sair do armário” e ser consideradas e escutadas, inclusive pela psicanálise. A seguir, uma postagem que ilustra adequadamente essa discussão:

Parabéns mamãe: apesar de cada dia estar mais presente os mais diversos formatos de família, algumas pessoas ainda ficam confusas ao se deparar com famílias como a nossa, inclusive amigos próximos e casais homoafetivos. Isso é bem notório quando a gente dava a notícia pessoalmente que dois bebês estavam a caminho: “Parabéns Vita! Que coisa linda é a maternidade”. Mamain Virginia geralmente não era contemplada pelos parabéns, e não, não foram apenas de pessoas mais velhas heteronormativas, esta reação também surgiu de casais homoafetivos, feminino inclusive. Chegou-se ao ponto em um momento da mamãe Virginia receber as felicitações deste forma: parabéns “mamãe”. Foi bem confuso entender o que significava mamãe entre aspas, meio mãe? Fake mãe? Pãe? É muito importante a mãe que não gera estar equilibrada para não entrar nesta paranóia do seu papel na gestação, e da mamãe que gera também estar pronta para dar um apoio mútuo. Independente de quem tá gestando, seja ele homoafetivo ou não, o casal está à espera de um bebê(ou dois, ou três..), ambos têm suas angústias, anseios, felicidades e dúvidas, ambos estão de parabéns, ambos necessitam de apoio. Lógico que na gestante existe um fator hormonal e físico absurdamente diferenciado que requer maior cuidado e atenção. É por estas de outras que a gente acaba se tornando militante, dialogar sobre o que incomoda é importante sim.

Nessa fala, uma das mães tensiona o fato de que, ao contar sobre estarem esperando bebês, a reação das pessoas era parabenizar apenas a mãe gestante pela maternidade. Um aspecto ressaltado é que essa era uma postura comum inclusive em casais em relações homossexuais, ou seja, se vê que a percepção que associa a vivência da maternidade com indicadores biológicos ocupa o imaginário cultural e é reproduzido até mesmo por pessoas em situações semelhantes, o que vai ao encontro dos resultados de Power et al. (2019) em relação aos desafios enfrentados pelas mães na manutenção das conexões dentro da própria comunidade LGBTQ+.

Cabe lembrar a distinção feita por O’Reilly (apud Mendonça, 2014) entre maternidade e maternagem: enquanto o primeiro se refere a sentidos culturais e sociais, pautados sobretudo em questões biológicas, que conferem institucionalidade ao papel das mães, a maternagem diz respeito ao efetivo cuidado com as crianças. Quando são uma mãe e um pai, reconhecem-se expectativas sobre os papéis que cada um deles ocuparia, dado o histórico de significação que associa a maternidade com o feminino e a capacidade da mulher de gerar crianças. Sendo duas mulheres, como pensar essas funções? Como conceber a vivência da maternidade pela mãe que não engravida? É possível pensar que a tentativa de aplicar a ideia de que a maternidade é vivida efetivamente pela gestação pode conduzir a manifestações como a relatada pela mãe, em que a

mãe que não gera o bebê é tida como “mãe com aspas”, “*fake* mãe” (mãe falsa) ou “pãe” (palavra que mistura “pai” e mãe”).

Como assinalam Amorin e Oliveira (2013), as famílias homoparentais deflagram um movimento de desafio à legitimidade desses ideais tradicionais de parentalidade e filiação, ao demonstrarem que a família pode ser composta por duas mães e questionarem as essencializações a respeito do parentesco. Esse questionamento é visibilizado e inserido na discussão pública ao ser retratado por essas mães em seu espaço na plataforma Instagram. “Dialogar sobre o que incomoda é importante”, ressalta a influenciadora. O projeto da dupla maternidade, conforme Amorin (2018), precisa de alguma maneira ser publicizado, registrado e compartilhado, a fim de que sejam ensejadas discussões sobre as especificidades dessas famílias e também no sentido de afastar esse tipo de questionamento sobre uma suposta “maternidade entre aspas”.

Outro aspecto ressaltado pelas mães entre suas vivências na etapa da gestação, nesse mesmo sentido, está ligado a questionamentos de outras pessoas sobre quem seria “o pai” do bebê, a exemplo do relato a seguir:

Post 1: Duas mães: já foi falado em post anterior sobre a parte legal que garante que nossos amores terão dupla maternidade, mas sempre escapa a pergunta de alguém.. e quem é o pai? Vocês conheceram? Simon e Ricardo não terão pai, precisamos ficar atentos aos diversos formatos de família que hoje existem para que possamos respeitá-las, sejam elas homoafetivas ou não. Nossos amores terão duas mães e foram gerados a partir de um gene do sexo masculino vindo de um doador desconhecido. Não nos incomodamos em explicar repetidas vezes isso e acreditamos que esta é uma construção diária que estamos realizando com muita paciência e carinho.

Post 2: Ouvi coisas essa semana que até então não tinha ouvido, coisa do tipo: “quem é o pai?” “Dedo não faz filho!” “Como os filhos são seus se ela tá grávida ?” “As crianças vão ser bandido, pq não tem pai!” “De quem é o óvulo?” “Mulher não engravida outra” “levou um chifre e tá assumindo”, entre tantas outras coisas extremamente ofensivas. Refletindo sobre isso só consigo pensar em como o ser humano é fraco quando a questão é amor. É difícil entender que nós engravidamos juntas? A decisão dela gerar foi tomada por nós duas, nós escolhemos assim e passamos por todo processo juntas, escolhemos o doador juntas, passamos por um processo médico desgastante, mil exames, varias madrugadas acordadas (quem passa pelo SUS sabe como é). A gravidez não é só sobre gerar, a gravidez é sobre viver a gestação. Estamos nessa juntas e ainda existem pessoas que não conseguem enxergar que aqui duas mães estão gerando seus filhos, somos as duas mães, independente da genética. O que conta aqui é a disposição e o amor pra sermos mães desses dois pontos de luz que de alguma forma irão mudar o mundo. A genética é só um ponto miúdo no meio disso tudo.

Como visto anteriormente, a ideia de que é necessário que uma família seja composta

por uma mãe e um pai é fundada na concepção tradicional de família, histórica e culturalmente reiterada como possibilidade única nessa construção. No relato da mãe, está presente uma necessidade de retomar com interlocutores que sua família existe e deve ser respeitada, seja qual for o formato. Nesse caso, ao contrário do que vimos em falas anteriores, ela ressalta que não se incomoda com o fato de precisar explicar repetidas vezes, por entender que se trata de uma “construção diária”.

É necessário sublinhar, no entanto, que a demanda por justificar-se e apresentar explicações associadas ao seu modelo familiar, de forma geral, não é algo que ocorra com famílias que cumprem o que prevê o modelo tradicional de família. Nessa linha, Amorin e Oliveira (2013, p. 6) colocam que “graças às suas particularidades estas famílias acabam por fugir do modelo tradicional de família por já estarem assentadas em outro universo relativo a reprodução [...]”. Ou seja, a própria forma de reprodução, o fato de contarem com doadores anônimos e procedimentos hormonais próprios, por exemplo, já estabelece uma nova forma de relação com a reprodução, que permite que não apenas dois genitores sejam reconhecidos em suas funções parentais.

Cabe ressaltar que o “modelo tradicional” a que aludimos tem estreita relação com papéis de gênero desempenhados por pai e mãe no contexto da criação de uma família. Isso porque há uma expectativa social (Uziel & Grossi, 2006) de que mulheres e homens assumam determinados comportamentos e exerçam funções específicas, dentro e fora da família. Essas relações tradicionais de gênero fundamentam-se em uma longa tradição, arraigada, de dicotomia homens x mulheres, baseada sobretudo nos aspectos biológicos de cada um.

Por isso é possível dizer que os casais de mulheres construindo e compartilhando suas famílias tensionam modelos estabelecidos tanto por representarem uma fissura na ideia convencional de maternidade, dividida entre uma mãe e um pai com papéis bem definidos, quanto por colocarem em xeque determinados estereótipos associados, a exemplo do que traz a fala a seguir:

Gente por que uma mãe sapatão que performa "masculidade" não pode querer ser mãe? Não pode sonhar, desejar e querer a maternidade? A gente tem mesmo quer ser o "pai", será que é tão zuado assim, eu ser uma mãe que ama passar o dia de cueca samba canção e que não gosta nem um pouco de batom e coisas que me fazer ficar com um aspecto "feminino", pois bem, ontem enquanto eu conversava com o meu vizinho eu comentei com ele que eu e Gladys stamos a espera do Harvey e Pier, o infeliz olhou pra minha cara e falou: Ai que legal você vai ser "pai". Minha única reação foi responder: Que pai oque, tá me tirando? Eu vou ser mãe! Falo e grito isso pras quatro zonas de [supressão de nome] o Brasil e o mundo inteiro ouvir que eu sou mãe. Eu não quero ser pai, não gosto da palavra, inclusive carrego vários traumas por causa da "paternidade", por ser

vítima de um pai preto que abandonou a preta grávida de uma filha dele pra ir se casar com uma mulher branca. Como já dizia o ditado: Deus é mãe se fosse pai já tinha abandonado todo mundo. O pior que não é só o vizinho sem noção, no médico, em nossa ficha do pré natal meu nome foi preenchido no campo " Pré natal do homem" era um campo feito a manuscrito que a enfermeira poderia ter corrigido, mas ela disse que era assim mesmo e que meu nome ficaria no " Pré natal do homem", ser um casal preto de sapatão fazendo Pré Natal da UBS da quebrada significa passar um constrangimento atrás do outro, como eles adoram ensinar uma hétero sexualidade na Gladys que não existe, mesmo me vendo ao lado dela com uma e com uma puta aliança enorme.

A manifestação nos ajuda a perceber como a “pressão” pela definição das figuras paterna e materna pautadas nas distinções entre gêneros apresenta uma certa rigidez. Uma das mães registra, no relato, seu descontentamento com o fato de que apresentar uma “performance” masculinizada, que de alguma maneira rompe com o ideal de feminilidade, faz com que, em diversas interações sociais, ela seja tratada como o “pai” da criança. Desde a inserção no mundo, o indivíduo apreende referenciais de gênero e sexualidade que atuam no sentido de organizar a legitimação do exercício de determinadas funções e, além disso, guiam sua inserção na vida familiar (Pederzoli, 2017). A colocação da influenciadora sugere que ocorre um processo quase automático de buscar estabelecer a distinção entre “mãe” e “pai” a partir de um referencial heteronormativo, com que se tem mais familiaridade. Destaca-se que isso não ocorre apenas em conversas cotidianas, mas também em espaços de saúde.


Outro ponto de destaque na fala dessa mãe é que a sua companheira, que é tida, baseada nesses critérios, como a mãe “feminina”, que performa a sexualidade de maneira mais tradicional, por assim dizer, frequentemente é lida como heterossexual pela equipe médica, o que gera constrangimento em ambas. Ela ressalta que isso ocorre mesmo que estejam juntas e utilizando uma “aliança enorme”, que seria um indicador culturalmente significativo relacionado ao casamento e ao compromisso entre duas pessoas.


Cabe fazer uma observação, nesse sentido, de que falas como essa dão a ver que, muitas vezes, a forma de legitimação familiar e conjugal dessas mulheres acaba sendo expressa por meio da reprodução de ritos tradicionais assentados nas ideias hegemônicas de família e casamento, a exemplo do que ocorre com a aliança. Santos e Gomes (2016, p. 103) explicam que o cenário que se testemunha é que a constituição das famílias de casais homossexuais se pauta e é balizado por uma norma predominante heterossexual ao mesmo tempo em que a “transgride e reinventa os fundamentos que sustentam as representações erigidas em relação à noção e ao estatuto de família”.

No caso das normas associadas ao gênero - e, por consequência direta, à sexualidade -, que, como discutiu-se, andam imediatamente ao lado dos papéis desempenhados nas famílias,

Butler (2004) propõe pensar que é justamente a instabilidade das normas de gênero que permite sua utilização como fonte de resistência e subversão, utilizar-se da lei reguladora para realizar uma repetição diferencial. A legitimação teria, nesse sentido, uma dupla fronteira: por um lado, é fundamental reivindicar politicamente o reconhecimento das famílias de casais homossexuais com filhos, sua inteligibilidade e visibilidade; em paralelo, deve-se manter uma relação crítica e transformadora em relação às normas transmitidas na cultura coletiva.

É importante ter em mente essa dinâmica, que acaba por perpassar várias das experiências dessas mães e se mostra muito flagrante na etapa da gestação. Ao mesmo tempo em que demonstram um movimento de resistência a prescrições culturais e colocam-se de maneira a legitimar e demarcar as relações familiares e diferentes formas de viver a maternidade e a gestação, também vão buscar narrar experiências que naturalizem os seus processos. Ou seja, também estão em pauta momentos marcantes, que comumente estão associados à gestação: a descoberta da gravidez, do sexo biológico da(s) criança(s), marcos relevantes como ensaio de fotos, chá de fralda, documentação da evolução da barriga e a expectativa do casal para a chegada do(s) bebê(s):

Post 1: Hoje soubemos os sexos dos nossos bebês e eu poderia escrever aqui sobre as milhões de sensações que a gente viveu, mas no momento só conseguimos agradecer, agradecer por estar tendo a oportunidade de viver uma experiência tão grandiosa. Ser mãe é uma dádiva e estamos aprendendo dia a dia sobre o amor incondicional. Hoje descobrimos que temos um menino e uma menina e só o que a gente consegue fazer é agradecer 

Post 2: uma etapa da nossa gravidez concluída com muito amor e carinho. O sonho de ter as pipoquinhas fica cada vez mais perto e real. No nosso Chá de Fraldas contamos com o apoio dos nossos amigos e familiares, eu só tenho a agradecer todos vcs. Markito e Jane tem muita sorte por serem tão esperados e amados 

De maneira geral, percebemos, portanto, que a gestação é um período abordado por essas mães influenciadoras também de uma forma particular. Por um lado, tem-se a necessidade singular de explicitar determinados aspectos relacionados à dupla maternidade e aos estereótipos associados ao gênero e aos papéis parentais, assim como os meios de reprodução e as escolhas a serem realizadas. Esses são processos que podem ser custosos e representar violências, visto que são reproduzidos em diversos ambientes, como familiar, situações sociais no geral e também em espaços institucionais pensados para o acolhimento e bem-estar dessas pessoas. Demarca-se, no entanto, que concomitantemente as manifestações relacionadas à

gravidez mostram também como essas famílias vivenciam várias experiências de maternidade “tradicional”, por assim dizer, compartilhando com seus seguidores acontecimentos importantes e marcos reconhecidos da gestação e da expectativa pela chegada de seus filhos ao mundo.

### 3.3 Parto

Realizada a apresentação dos temas identificados na gestação, parte-se agora para a exploração da etapa do parto. Trata-se principalmente de relatos do dia em que ocorreu a chegada das crianças, informações sobre o recém-nascido, compartilhamento das emoções e vivências experienciadas pelas mães nos momentos que antecedem essa etapa importante e também no momento do parto propriamente dito, ressaltadas sempre as particularidades da experiência da dupla maternidade e atravessamentos socioculturais que a constituem.

Compreendendo o parto como um acontecimento não apenas biológico, mas social e cultural, é possível pensar que a experiência que a mulher antecipa vir a ter durante este momento é determinada por um amplo conjunto de fatores. Estes relacionam-se com as normas que vigoram na cultura e sociedade à qual esta mulher pertence, mas também com dimensões de ordem individual, particularmente relacionadas com a experiência de cada sujeito, ou com a experiência de pessoas próximas (Figueiredo, 2000). Nos relatos coletados, observa-se como o momento do parto é vivenciado de maneira singular e passa por particularidades relacionadas não somente aos processos restritos ao corpo, mas também aqueles que englobam suas subjetividades e emoções próprias, como nota-se a seguir:

#### **\*\*CHEGADA DO PACOTINHO DE AMOR\*\***

-

Audre chegou no dia [supressão] ✎. A noite anterior foi bem difícil, Rosely passou a noite em claro eu sabia que ela chegaria no dia seguinte, não aguentava mais esperar a chegada dela, estávamos ansiosas para ver esse rostinho, no dia seguinte acordei muito mal sentia contração de 5 em 5min, massagens eram constantes, Jô saiu para trabalhar e eu fiquei com minha irmã, quando chegou na hora do almoço eu nem consegui almoçar e fui para o hospital, cheguei lá às 16h da tarde, me enternaram estava com 3cm de dilatação, fiquei lá até a noite, já sabia que não seria um parto normal, pois gravidez era de alto risco e mesmo assim tentamos porém não teve jeito, lá vamos nós 22:30 para sala de cirurgia, quando foi as 23:30h ela nasceu, aquele sonho foi realizado, chorei horrores vendo aquela coisinha tão pequena 😊, não sei explicar só sentindo para saber o quão é inexplicável! Bom esse foi o relato do nascimento da nossa Audre

Conforme indica estudo de Oliveira et al. (2010), as parturientes experienciam curiosidade e expectativa durante toda a gestação. No período em que percebem que o nascimento está prestes a acontecer, a ansiedade se intensifica. Contudo, esse não é o único sentimento experienciado por elas durante esse momento: a insegurança e o medo da morte se somam ao sentimento de proteção e temor da perda, característicos da maternidade. A mulher, que se transformará em mãe, teme por complicações obstétricas que possam surgir e lhe impedir de desfrutar os primeiros momentos de convívio com o(s) bebê(s).

Ainda segundo os autores, o cuidado e o conforto oferecidos por parte da equipe também são aspectos importantes para a superação de dificuldades que se apresentam, muitas vezes, em forma de sensações dolorosas e medo. Esse conforto ultrapassa a atenção e as orientações, configurando-se em encorajamento, que além de auxiliar a vivência desse período, contribui com a potencialização do poder da mulher na condução do parto, como evidencia-se no seguinte relato:

**RELATO DO PARTO PARTE 3:** Estavam também minha mãe que com seu olhar de longe nos passou paz, amor e força, nossa fotógrafa maravilhosa [supressão de nome] que registrou lindamente esse momento único na nossa vida, nossos pediatras [supressão de nome], Doutora [supressão de nome] que com seu abraço e jeitinho doce completava junto com Dubeux a nossa linda equipe e obvio que a luz que mais brilhava naquela noite vinha dos olhos da minha esposa Virginia que estava irradiante, feliz demais, emocionada, plena, sabe aquela sensação de olhar pra ela e vê-la flutuando?! Pronto era assim que estava vendo ela no bloco durante todos os momentos do parto. Minha esposa, só tenho que te agradecer pela cumplicidade, apoio, amor, respeito, paciência, companheirismo em todos os minutos dessa linda caminhada da nossa vida. Te amo muito! As 20:38 Renato surge como um príncipe chegando para reinar nesse mundão e cai em nossos braços com um cheiro único e indiscreto... e de longe escuto a voz de Doutora dizendo que Simon estava chegando para completar nossa família e eu chamo vem filho... e ele vem lindo e chorando as 20:41 pros nossos braços. Por ali ficamos nos 4 alguns minutos nos olhando, nos beijando, amamentando, sentindo o calor, conhecendo os primeiros detalhes. A partir dali seríamos nos 4 pro resto de nossas vidas e que assim seja. Gratidão a todos os envolvidos por fazer deste dia o dia mais incrível de nossas vidas.

Repara-se na importância de um ambiente em que estas mulheres se sintam cuidadas, com oferta de afeto, atenção e carinho, que irão favorecer a segurança, o bem-estar e o alívio das sensações dolorosas do trabalho de parto. Esse cuidado emocional deve ser estendido à família e/ou acompanhante, que também ajudam no suporte durante esses momentos (Oliveira et al., 2010). Aqui, a mãe que não gesta também ocupa este papel e vivencia, à sua maneira, o momento do parto e experiência de tornar-se mãe:



Minha mulher Barbara engravidou. De gêmeos. Uma festa.  
 Decidimos tentar o que nos sabíamos se funcionaria, eu me preparei para amamentar.  
 Ontem o dia mais especial de nossas vidas chegou, Michael e Mercedes chegaram.  
 E assim que nasceram cada um foi para o colo de uma mãe. E Mamaram.  
 Amamentei meu filhos o noite toda no quarto. Cansei, sorri, sofri, amei.  
 Tem uma pessoa que é a terceira parte da nossa gravidez: [supressão de nome] uma consultora de amamentação, mais para deusa que para humana, que tornou o sonho possível. Cada gota de leite eu corro para escrever para ela e contar a novidade.  
 Mana, você é demais!!!! Obrigada por esta transformação de vida <3

A fala anterior é um exemplo de como a gravidez é abordada pela mãe que não é responsável por gestar. Como vimos na discussão realizada na seção anterior, esse é um papel que muitas vezes assume complexidade, dados os atravessamentos culturais enraizados. É importante, portanto, que se registre a importância desse momento também para essa mãe, que está também passando por uma “transformação de vida” e que, em casos como esse, preparou-se para amamentar, pensando em dividir responsabilidades e também o exercício da dupla maternidade.

Nota-se, também, a relevância desse momento para as mulheres que narram detalhes do dia do parto no seu perfil do Instagram. São narrativas pessoais, acerca de si, sua família e o bebê que está chegando. Ao produzir essas narrativas de si, hoje marcadas pela digitalização, as mães afirmam novos modos de inscrição no mundo, de compreensão de si mesmas e da construção da realidade (Fischer-Rosenthal, 2008). É precisamente o que é expresso pelas mães que utilizam do Instagram para tecer esses relatos aqui analisados e discutidos, um movimento duplo de compartilhamento, que envolve dividir com o público, mas também situar-se e mudar sua compreensão sobre si mesmas. Assim, são partilhados sentimentos relacionados à espera, como medo, ansiedade e amor:

CHEGANDO A HORA: são 23:38 do dia [supressão], quem escreve este post é mamãe Virginia, mamãe Vita já dorme... mas que luta foi, o espaço dentro da barriga é minúsculo para os meninos e acomodação pra os bruguelos e sua mãe é difícilíssima. Penso que a qualquer dia e qualquer hora os meninos podem chegar. A ansiedade é grande, o amor também.. dia deste falei num grupo de mães que a sensação é que estamos numa subida de uma montanha russa, no carrinho bem devagar, ladeira altíssima, aí você olha pra baixo e pensa: pra que fui inventar de andar de montanha russa? Logo em seguida a vista te chama atenção, e você percebe que a única saída é descer logo por que você sabe que vai ser incrível, mesmo com o medo que você está ali naquele momento. Pronto você nunca vai estar, mas me diz mesmo, quando você se arrependeu de andar de montanha russa? Podem chegar assim que vocês estiverem prontos meus amores, vocês terão mães extremamente dedicadas.

Entende-se que há aqui também ressaltada uma possibilidade de documentar a

expectativa e os momentos que antecedem o parto, ofertada pela estrutura das interações nas plataformas digitais (Recuero, 2009). Cabe lembrar que, enquanto “formadoras de opinião” ou “influenciadoras digitais” (Karhawi, 2016), essas mães também são responsáveis em algum nível por apresentar à sua audiência possibilidades de ser e estar no mundo, sobretudo como mães em um contexto de dupla maternidade. Ao se comunicarem de maneira a transmitir de maneira genuína os sentimentos vivenciados em uma etapa tão relevante, as mães tornam-se também referências para outras pessoas, sejam outros sujeitos em condições semelhantes ou o público que conquistaram a partir da produção de conteúdo que realizam nesse espaço. Isso porque são enquadradas na categoria de “influenciadoras legitimadoras”, de certa maneira fonte de informação, recomendação e/ou inspiração, gerando identificação por parte de outros usuários da plataforma, conforme a tipologia estabelecida por Ishida (2018).

Entende-se assim que, devido a estabelecerem essa relação e desenvolverem uma audiência própria, partilhar as vivências e emoções relacionadas ao dia do parto e à chegada das crianças é uma forma de informar e atualizar os seguidores e também de visibilizar relatos como esses, demonstrar de que maneira vivenciam esse dia relevante. Ao mesmo tempo, também se nota a abertura para que esses mesmos seguidores, especialmente aquelas mães que já passaram pela etapa do parto, possam participar e fornecer dicas. Ressalta-se, então, o caráter da intersubjetividade (Schutz, 2008) possibilitado por esse espaço de troca, como o exemplo a seguir, em que a postagem pede recomendações de itens importantes no *check list* de itens importantes para a maternidade, pode apontar: “DE MALAS PRONTAS: Mamães e bruguelos de malas prontas. Diz pra gente, tem algum item que não existe nos check list e pode fazer a diferença?”.

E, assim como observamos nas etapas anteriores, também quando as postagens se referem ao dia do parto, à expectativa e à chegada dos bebês propriamente, estão presentes manifestações relacionadas à singularidade da vivência da dupla maternidade e da constituição de famílias que rompem com os padrões estabelecidos pela norma cultural:

37 semanas se passaram e nossos Ibejis nasceram.

Harvey, nasceu as 6:55 AM com 2.475kg e 45 cm  
Pier, nasceu as 6:59 AM com 2.250kg e 42 cm.

O momento mais esperado de nossas vidas, não foi fácil ser um casal de sapatão pretas, de quebrada e mãeconheiras sendo atendidas por médicos brancos, racista e cheios de fobias prontos para destratar e acabar com a gente.

Ouvimos tantas coisas que em vários momentos ficamos triste e se sentindo culpadas por não ter plano de saúde. O que salvou a gente foi o atendimento que tivemos com a [supressão de nome] depois vamos falar mais sobre a grande participação dela durante esse período de gestação.

Não foi fácil, mas nos resistimos ☹️

Aqui destacamos dois fatores principais a partir da postagem dessa mãe: em primeiro lugar, o compartilhamento de informações sobre o nascimento das crianças, como o peso, altura e horário em que chegaram, que vai ao encontro das descrições sobre as narrativas digitais e a partilha de informações com o público que consome esse conteúdo. E em segundo lugar, a importância de questionarmo-nos sobre a universalidade, por assim dizer, das narrativas sobre dupla maternidade. Ressalta-se que, na busca por mães influenciadoras a partir das hashtags sobre dupla maternidade e duas mães, foram poucos os resultados de mulheres com uma audiência cativa que não fossem brancas, magras e sem deficiência, por exemplo.

É possível ver, no relato trazido na citação anterior, que a vivência das diferentes etapas da maternidade é atravessada também por essas intersecções. Nesse caso, a mãe faz referência às incidências do racismo institucional, que combinado à opressão relacionada ao gênero e a sexualidade, cria obstáculos com que essas famílias se deparam nas diferentes etapas, inclusive o momento do parto. Ainda que seja enquadrado na etapa do parto, em decorrência de ser também um relato sobre a chegada dos bebês e aspectos correlatos, essa é uma questão que contempla as diferentes etapas, e que, assim, acreditamos que deve ser tensionada constantemente quando buscamos discutir essas vivências e experiências compartilhadas pelas mães.

Em linhas gerais, identificamos, na etapa associada ao parto e à chegada das crianças, aspectos que tocam as emoções dessas mães e as singularidades da expectativa e dos papéis assumidos nessa etapa por duas mães na dupla maternidade. Observamos uma preocupação em informar - e serem informadas - por uma audiência estabelecida na plataforma e, ainda, a importância de outros marcadores identitários envolvidos na espera que culmina na chegada das crianças e também no desenvolvimento das famílias que estão sendo construídas.

### **3.4 Puerpério**

Esta seção se dedica a apresentar os principais tópicos presentes na etapa do puerpério, isto é, o período pós-parto. O puerpério tem duração variável — conforme Strapasson e Nedel (2010), é o período do ciclo gravídico-puerperal em que o organismo da mulher retorna ao seu

estado pré-gravídico, anterior às mudanças observadas na gravidez e no parto. O início do puerpério, na perspectiva dos autores, seria marcado pelo momento da expulsão da placenta e está relacionado ao processo de amamentação. Aqui, consideramos as manifestações contempladas pela etapa pós-parto e anteriores às crianças completarem um ano de idade.

Constam postagens que descrevem os momentos de chegada em casa; a adaptação à amamentação por uma ou ambas as mães; desafios relacionados ao retorno ao lar e à mudança de rotina, como o cansaço, a busca por compreender e atender as demandas dos bebês e o impacto na relação do casal; primeiras experiências das crianças e a rotina da família; as peculiaridades da gemelaridade; demonstrações de afeto pelos filhos; e, por fim, questões associadas à discussão sobre genética e laços familiares, bem como situações em que se depararam com falta de conhecimento de outras pessoas sobre a constituição da dupla maternidade e a ausência de representação de suas famílias em produtos de consumo, como será descrito a seguir.

Nas manifestações atinentes à amamentação, cabe lembrar o que Carvalho e Diniz (2020) apontam a partir do seu estudo: a dupla amamentação é uma particularidade da família constituída por duas mulheres e a indução da lactação pela parceira que não foi responsável pela gestação, seja espontânea ou artificialmente, representa uma possibilidade biológica mas também de intensificação do vínculo afetivo entre essa mulher e o bebê gerado:

Sabia que é possível ser mãe não gestante e amamentar? Pois é...

Eu Patricia escolhi em dividir a amamentação com a minha companheira Ruth Quem amamenta sabe o quanto cansativo, na verdade pra muitas mães amamentar é a parte mais cansativa durante a primeira infância do nosso bebê, se amamentar um bebê só já é super cansativo imagine dois, imagina engravidar, passar por todo o peso da gestação hormônios, dores, cansaço, humor e entre outras coisas, depois de tudo isso ainda ter que amamentar dois bebês, pra mim não seria justo deixa minha mina passar por tudo isso sabendo que eu poderia ajudar ela a passar por todo o processo da amamentação. Então escolhi passar pelo processo de Introdução a Lactação, foi um processo lindo e bem tranquilo, pra mim doeu um pouquinho por que a pele do nosso seio é bem sensível, foi rápido também Harvey e Pier estão com cinco meses e eu continuo dividindo a amamentação com a minha companheira, até hoje desde a maternidade. A gente escolheu amamentar nossos filhos a livre demanda, pra nós amamentar em livre demanda é um ato de resistência por que não é fácil a abrir mão de muitas coisas pra amamentar seu filho sempre que ele pede, a gente podia ter escolhido dar fórmulas, leite ninho e afins, mas depois de muito escutar e aprender achamos que amamentar nossos Ibejis inteiramente com leite materno seria a melhor opção. Posso falar que amamentar me transformou, me amadureceu e evoluiu a minha vida completamente me colocou em maior contato com as minhas ancestrais, que tiveram o direito de amamentar seus filhos negado para se torna amas de leite e alimentar os filhos das Sinhás.

Faz sentido retomar, aqui, uma singularidade já identificada em outras etapas, haja vista que ela acaba por atravessar grande parte das experiências de pessoas negras: o intercruzamento de diferentes categorias de opressão, que se destaca nas postagens produzidas pelas mães negras que fazem parte dessa pesquisa. Podemos pensar essa relação a partir da ideia de interseccionalidade, que seria, nas palavras de Akotirene (2018, p. 16), um “sistema de opressão interligado”. Ou seja, no caso dessas mães, há diferentes desafios a serem enfrentados, derivados de distintos eixos de opressão: são mulheres, mães, em relação homossexual, e negras. Isso aparece de forma recorrente nas falas aqui destacadas, pela própria demarcação e a reivindicação política desses lugares por elas. É o que depreendemos da manifestação, acima, que remonta à ancestralidade e ao significado histórico da amamentação para mulheres negras, que, no contexto da escravização, tiveram muitas vezes que abdicar de amamentar seus filhos em detrimento de alimentar os filhos das “sinhas”.

Ainda dentro da discussão relacionada à amamentação, além das particularidades referentes à escolha de qual mãe vai amamentar ou dos processos biológicos que perpassam esse cenário, se discute também os desafios presentes nessa etapa. Conforme indicam Nelas et al. (2017), a experiência da amamentação pode ser um momento delicado para as mulheres, visto que orientações adquiridas no processo gravídico nem sempre estão em consonância com a prática experienciada, fazendo com que a fase seja revestida de dúvidas e dificuldades, as quais poderão fazer com que a mulher se sinta mais vulnerável e insegura. A prática de aleitamento materno, no período puerperal, pode estar, também, associada a algumas dificuldades iniciais, como: problemas com a mama, ingurgitamento mamário, posicionamento e pega, ou problemas relacionados com a interação (Pinto, 2008). Ainda, a amamentação é determinada pela influência de diversos fatores que abarcam os aspectos individuais, familiares, determinantes contextuais, sociodemográficos, bem como o papel que os profissionais de saúde têm no seu estabelecimento e manutenção (Venâncio & Monteiro, 2006), conforme observa-se no relato a seguir:

Post 1: \*\* AMAMENTAÇÃO \*\*

-

Vamos falar do lado rosas com espinhos 😊, meu processo para conseguir amamentar foi bem doloroso, como toda mulher passa, há alguns que não tem dificuldade mas eu fui a que tive, no início amamentei da maneira que achava correto, porém não era o correto, no começo é tudo complicado você tem que aprender e juntamente com seu bebê, aliás tudo é novo pra gente ainda. Tive dificuldade durante 1 mês, foi o pior mes da minha vida, acho que nem as dores

de contração é tanta quanto ver sua filha chorar e não conseguir amamentar por que seus seios estão com fissuras, ela chora querendo mamar e você chora por não conseguir amamentar, se passaram um mês e aí tive acompanhando no #bancodeleitehumano, lá eles me auxiliaram e assim como seguir amamentar da maneira correta, muitas mães desistem, amamentar é difícil, tem que ter paciência e persistência. Hoje é o melhor momento, onde para pra ficar olhando dentro dos olhinhos dela, é o nosso momento, chamo de momento mágico, o de esqueço de tudo e todos, fica só eu e ela! Audre já vai pra 1 ano e 2 meses sendo amamentada, irei amamentar até os 2 anos de idade, como é indicado pelos médicos e especialistas

Post 2: Amamentar é muito cansativo, estamos rindo nessa foto, mas só nós que somos mães pretas sabemos o quanto é cansativo amamentar.

Não é fácil, principalmente quando você escolhe amamentar em livre demanda, a gente se priva de muitas coisas só pra fazer do nosso leite a principal fonte de alimento das nossas crias.

A gente passa o dia sem tomar banho as vezes a gente até dorme sem tomar banho, as vezes a gente não consegue se alimentar direito, muitas vezes a gente vive cansada, descabelada, perde a noção do dia e da hora, passa noites em claro e tudo isso pelo bem estar das crias.


Muitas vezes a gente não tem apoio da nossa família ou de companheiros muitas de nossas carregamos sozinhas o peso de amamentar, a gente ouve que não fez nada o dia inteiro, que não sabemos amamentar.

Ouvimos que nossa cria vai atrapalhar nossa vida por que passa o dia no peito, a gente ouve que nosso leite é fraco não alimenta a nossa cria e dar mamadeira de leites cheios de açúcar e conservantes é a melhor escolha.


Recebemos olhares opressores por amamentar em locais públicos, olhares de assédio vindo de homens nojentos que não respeitam nossa cria e nosso corpo. Enfim amamentar é lindo e ancestral, mas não dá pra romantizar toda a carga que amamentar nos trás.

Observa-se, aqui, alguns dos desafios enfrentados pelas mães em relação à amamentação, sejam eles relacionados a aspectos biológicos, psicossociais ou emocionais. Para além das dificuldades próprias deste momento, os relatos também abrangem adversidades associadas a rotina, a adaptação, cansaço e até mesmo o impacto na relação do casal. Segundo Brasil (2016), não é raro observar nas mulheres que estão passando pela fase do puerpério a presença de sentimentos como medo, frustração, incapacidade entre outros, além de episódios de tristeza. Durante o puerpério a mulher pode enfrentar privação de algumas necessidades, como impacto no sono, na alimentação, sobrecarga diária de afazeres e sofrimento mental. Soma-se ainda, a falta de participação de familiares nos cuidados com o recém-nascido,

sobretudo à noite, o que a mantém em vigilância constante favorecendo estado de estresse, fadiga, cefaleia e privação de sono. Entende-se que a ausência de atendimento dessas necessidades pode causar insegurança, medo, dúvidas e incertezas (Mazzo e Brito, 2016):

Post 2: Ninguém disse que seria fácil, mas também não disseram que seria tão difícil. As vezes parece ser quase impossível, um bebê demanda muito tempo, muita atenção e muita dedicação, imaginem dois. Mas existe algo mágico na maternidade, onde o difícil não é tão difícil assim, o cansaço não é tão cansado, uma noite em claro é curada com um sorrisinho deles. O amor transborda aos litros com eles por aqui, esses dois são os melhores acontecimentos das nossas vidas. Brigada Virginia por me escolher pra dividir essa jornada com vc 

A maternidade não é somente um evento biológico e reprodutivo, mas também um fenômeno emocional e social. Assim sendo, na vivência desse período, as mulheres deparam-se com aspectos que contrariam seu bem-estar na condição de puérpera. Entretanto, observa-se, nos presentes relatos, a manifestação de emoções como gratidão e carinho pela maternidade e pela experiência compartilhada com a parceira:

Ser mãe, é bem mais que postar fotos e vídeos aqui, ser mãe é ficar calma mesmo estando super cansada, as vezes dá vontade de sumir e largar tudo, mas tem que levar você minha pequena kkkk, tem dias que a gente perde a cabeça, briga, chora, mas é só um momento as vezes você, eu ou qualquer outra mãe só está cansada, mas somos ótimas mães, todas nós sabendo exatamente o que fazer pra acalmar vocês quando chora, quando sentem dor, quando precisam de qualquer coisa, só o colo de mãe, acalma. Eu sei exatamente tudo que você precisa, sei o que devo ou não fazer, estou te criando do meu jeito, apenas o meu jeito de ser mãe, não o que outra mãe acha que é ser mãe, talvez o que pra você é normal pra mim não seja! Deixa a mãe ser mãe, deixa ela criar, cuidar, educar da maneira que ela acha certa, não dá maneira que você acha certo! As pessoas criticam, mas ninguém te pergunta como foi teu dia, e do que está precisando, as vezes a gente só precisa tomar um belo banho, lavar os cabelos, comer e sentar pra cuidar do baby, mais nada, são coisas simples que hoje vejo que são o que mais precisamos, e antes de você minha pequena era algo auê. Ser mãe é bem mais do que algumas pessoas acham, mas é a experiência, o momento mais mágico que existe, só depois de você sei o que realmente é amar incondicionalmente outra pessoa  Te amo minha pequena, que está crescendo muito depressa e só de lembrar já começo a chorar, queria poder parar o tempo.

Em meio aos desafios, também há diversas oportunidades de visualizar o compartilhamento das alegrias e prazeres da maternidade. Nesse sentido, destaca-se a questão afetiva que de maneira recorrente atravessa as falas dessas mulheres, presente tanto em declarações de amor para os filhos como em manifestações de admiração pela parceira que divide consigo os obstáculos e emoções da dupla maternidade:

Eles tinham acabado de chegar em casa, tudo ainda era estranho, até a própria casa. Eu a vi mudar ao longo de 9 meses, 38 semanas, barriga que crescia, peitos que fartavam, desejos, dores, incômodos, fomes, medos. Ela foi se tornando nova, outra, mudada, diferente. Quando eles chegaram em casa ela também chegou, não saiu mais do lado deles. Com sono leve acorda a qualquer movimento, mesmo que não precise, amamenta em pé, deitada, dormindo, amamenta os dois juntos quando precisa, põe no sling, carrinho, berço, cadeirinha, com uma mão só. Fui aprendendo a ser junto, ao lado, perto, olhando, entendendo. Ela é a mãe que eu admiro, e que desejo ser por semelhança. Te amo e obrigado por seguir sendo que é <3

Vemos nessa postagem a aproximação do casal a partir da chegada das crianças, pelo desenvolvimento de um vínculo relacionado à dupla maternidade. A mãe que produz e compartilha o relato com seus seguidores apresenta sua vivência ao lado da companheira de modo a demonstrar que o processo que vêm dividindo na construção da rotina com as crianças — dormir, amamentar, buscar atender às necessidades dos recém-nascidos — inspira admiração e ajuda-a inclusive a construir a si mesma como mãe.

É importante que se registre, contudo, que não se trata de buscar uma “romantização” da vivência dos primeiros momentos se reconhecendo como família: esse também é um processo que envolve reconhecerem-se como mães e que afeta a relação do casal de diversas formas. O vínculo entre as duas mães preexiste em relação ao nascimento das crianças e mesmo à decisão de serem mães, mas a dinâmica, rotina e os papéis ocupados por cada uma nessa relação são significativamente alterados pela introdução de um novo elemento, a exemplo do que está registrado nas postagens que se seguem:

Post 1: este post vai ser dedicado pra gente trocar experiência sobre os sentimentos, angústias e anseios do casal, seja ele homoafetivo ou não, depois da chegada nos novos integrantes na família.

Antes de tudo, gostaríamos de mandar um abraço para as mamães ou papais solos, ou outros formatos de famílias, não poderemos ter lugar de fala da rotina de vocês, mas fiquem a vontade de contribuir neste post.

·  
Limpa cocô, limpa xixi, limpa coto umbilical, mama, banho, chora, acalenta.. todos concordamos que a rotina de um neném é intensa, por muitas vezes o cuidador sequer tem tempo pra si, imagina o tempo pra vida de casal? Não



estou falando nem de sexo, está parte podemos falar mais na frente, mas falo do casal se observar enquanto parceiros.

Post 2: Lembro da primeira noite dos meninos em casa, Vita estava chorando por dor ao amamentar, aquela adaptação insana, e o que mamãe Virginia falou foi: isso foi uma escolha nossa, a gente quis isso. Concordo que nem sempre é planejado, mas acreditamos que o beta positivo não pode anular aquele casarão que sempre foi parceiro. “Nada mais será como antes” dizem todos, não, não será mesmo.. tem que ser muito melhor, agora este casal tem um fruto do amor. Dentre as rotinas diárias acima, aqui em casa também consta o cuidado uma com a outra. Assim estaremos sempre fortalecidas. Nos desejamos bom dia, dizemos que amamos, e fazemos todo o esquema pra outra se cuidar sempre quando quer. .

E vocês? Qual experiência com seu parceiro(a)? Vamos trocar estratégias pra não nos deixarmos levar pela rotina ? .

Evidencia-se, nos relatos, diferentes formas de conjugalidade na transição para a maternidade. Nesse sentido, observamos como cada casal constrói, em conjunto, suas vivências e subjetividades na medida em que se apropriam do processo de ser mãe. Conforme indicam Menezes e Lopes (2007), a transição que os casais passam, ao terem seu primeiro filho, pode gerar mudanças positivas ou negativas em sua conjugalidade, podendo promover um envolvimento ou um distanciamento emocional. A preservação dessa conjugalidade irá ser determinada pela qualidade da relação conjugal.

Assim como o espaço do Instagram é utilizado para falar sobre as alegrias, dificuldades e novidades relacionadas ao casal, também podemos perceber em várias oportunidades o compartilhamento sobre os sentimentos despertados pela relação estabelecida com os filhos recém-chegados. As demonstrações de afeto, amor e apreciação pelos bebês é um elemento fortemente marcado nas postagens analisadas:

E eu achava que entendia sobre o que era amar, nesses oito dias eu pude experimentar um pouquinho do amor incondicional verdadeiro, um amor de doação total, nem me lembro mais como era o mundo antes de vcs chegarem. Não foram os dias mais fácieis, mas com certeza foram os dias mais lindos e cheios de amor da minha vida. Amo vcs meus pontinhos de luz.]

Identificamos nesse trecho questões histórica e culturalmente atribuídas à maternidade, como o “amor incondicional” e de “doação total”. Tal como foi discutido anteriormente, há uma diversidade de significados possíveis relacionados a “ser mãe”. Uma forma de encarar isso é a distinção entre aquilo que seria biológico, ou instintivo, sedimentado no imaginário social como próprio da relação entre mãe e filho, e o que diz respeito à prática efetiva de cuidados

com os filhos e ao desenvolvimento gradativo de um vínculo entre esses lados a partir da construção da relação no cotidiano. É a dicotomia na qual se baseia a diferenciação entre maternidade e maternagem de O'Reilly (2004), por exemplo.

Nesse caso, podemos inferir que há uma combinação das duas ideias. Isso porque se nota uma percepção de amor materno entregue e sem limites quase como algo inerente, dado biologicamente, relacionado historicamente à maternidade. Em paralelo, observa-se que mãe alude a uma construção dessa relação nos primeiros dias subsequentes à chegada da criança no mundo, mais ou menos nos termos de Badinter (1985) sobre ser esse um “amor construído”. Seria, portanto, um desenvolvimento e intensificação do vínculo das duas mães com seus filhos a partir do pleno exercício da maternagem, isto é, os cuidados e a aproximação com a criança.

Os relatos sobre a rotina estabelecida com o retorno ao lar evidenciam bem essa percepção. Como referenciado em Brasil (2016), a etapa do puerpério envolve uma série de desafios, muitos ligados à privação de sono, cansaço, acúmulo de tarefas e adaptações necessárias:


Post 1: CANSAÇO: passamos o primeiro mês e os meninos têm demandado mais, tem dias que temos a sensação que amamentamos o dia todo, que o bico do peito tá dormente. As noites mal dormidas vão acumulando e por mais que você verbalize que tá tudo bem (e você acha que tá), do nada o olho arde de sono. E quando você limpa cocô, dá o banho, troca a roupa, amamenta e quando o neném dorme... tem solução? E quando o neném chora e você quer é chorar junto? Do nada aquele frizz no cabelo virou teu novo acessório de beleza, do nada a olheira que chegou sorradeira já tá ali de testemunha das tuas noites, do nada você ganhou uma luz que nenhuma iluminador foi capaz de te dar em toda tua vida. Como pode ? Não é post pra lamentar mas é post para compartilhar com vocês, não há nada mais doce e árduo que a missão de ser mãe. ..  
Quais estratégias vocês tomaram para amenizar o cansaço ?

Há alguns pontos que merecem especial destaque no excerto anterior. Pode-se dizer, primeiramente, que se trata de uma abordagem do que alguns estudos têm chamado de “maternidade real” (Oliveira-Cruz, 2021) ou “lado B da maternidade” (Pesce, 2018). Ou seja, busca-se justamente desmistificar essas concepções arraigadas à ideia de maternidade, apresentando também as partes difíceis, ruins e conflituosas de ser mãe. A mãe justamente relata a ambivalência dessas emoções: “não há nada mais doce e árduo que a missão de ser mãe [...]”.

Além disso, outro aspecto ressaltado pela fala é o que figura no final, quando a responsável pela postagem explicita a finalidade dos seus escritos. “Não é post para lamentar”, mas a busca por compartilhar as vivências junto aos filhos nessa etapa na sua plenitude, inclusive o que envolve cansaço, privação de hábitos de beleza e de sono e dificuldades com a

manutenção do bem-estar dos bebês. Ela também abre espaço para que os seguidores dividam quais estratégias utilizam para amenizar seu cansaço, sublinhando o caráter de troca e de visibilização de experiências autênticas que é proposto pelas interações dessas influenciadoras de nicho. Daí pode-se inferir também que essas mães influenciadoras compreendem que seu público é em grande parte composto por outras mães que partilham de vivências similares em alguma medida e consideram a importância de dividir suas experiências e também acolher e aprender com elas.

As manifestações centradas no compartilhamento da rotina muitas vezes abrangem também descrições do desenvolvimento dos filhos, a forma como estão crescendo e suas particularidades:

Post 1: Bom dia titixs! Quem vê quietinhos assim não imagina que fica só 5 minutos. Os bebês estão com 42 dias e estamos nos adaptando cada dia melhor, já temos rotina de sono à noite e sonecas durante o dia, eles acordam apenas uma vez na madrugada e depois só entre 6:00 e 7:00 da manhã. A Tia [supressão de nome] tem nos ajudado demais com dicas de sono com qualidade. Eles estão crescendo rápido demais e é lindo ver o desenvolvimento deles e como cada um tem seu tempo. Estamos cada dia mais apaixonadas 

Post 2: cá estamos em nosso lar, com a família completa, a nossa rotina tem sido doce e cheia de descobertas. Estamos conhecendo os meninos a cada dia, e impressionante como cada um já tem uma personalidade tão definida. Obrigada a todo mundo que tem desejado tanta coisa linda.

Vê-se que o desenvolvimento dos bebês envolve, além da adaptação a essa nova dinâmica, um movimento de conhecer-se de toda a família. Os primeiros meses dos filhos marcam a habituação às novas rotinas e também a evolução da conexão entre mães e bebês a partir da constituição das individualidades das crianças e as descobertas e primeiras experiências de cada uma. Esse processo de reconhecimento dos filhos e da compreensão de sua personalidade e, sobretudo, suas necessidades, é parte da etapa do puerpério e o que o configura como momento tão significativo na formação do vínculo familiar, podendo determinar a qualidade da ligação a ser estabelecida entre mães e filhos (Borsa & Dias, 2004).

Registra-se, aqui, que os referenciais teóricos que abordam a evolução dessa ligação de uma maneira geral aludem à díade mãe-bebê, de modo que inevitavelmente há algumas mudanças quando consideramos uma família cujo contexto é de dupla maternidade. Ainda assim, entendemos que são pistas importantes para compreender a constituição desses vínculos, haja vista que são duas mães que, cada uma à sua maneira, passam a conhecer seus filhos e reconhecerem-se no seu exercício de maternidade a partir da relação que estabelecem

gradativamente com eles. Há marcos importantes, nesse sentido, na medida em que é uma etapa cheia de “primeiras vezes”, como é apresentado a seguir:

1•PASSEIO : Hoje fomos tomar café no restaurante que frequentamos muito durante a gravidez. Fica ao lado de casa, fomos caminhando com eles no carrinho e com flor. Uma delícia poder viver com eles na vizinhança e olhe que só está começando. Vamos desbravar desse mundão com eles da melhor forma e as ansiedades só mudam né? .

Aos pitaqueiros de plantão, estamos orientadas pela nossa pediatra maravilhosa e que confiamos de olhos fechados e sim, ela nos permitiu ir pra lugares abertos com os meninos, sem sol e sem muito vento. 🙌

Esse é um exemplo de como aparecem as primeiras experiências, narradas pelas mães. O primeiro passeio é descrito como um momento especial, de início de um “desbravamento do mundo” em família. A mãe faz questão de ressaltar que foi uma experiência orientada pela pediatra das crianças, com recomendações específicas para o bem-estar dos bebês, o que se pode atribuir ao entendimento de que, enquanto influenciadora, conta com uma audiência que acompanha e faz apreciações críticas sobre esses relatos da maternidade, sejam positivas ou negativas.

Como é possível perceber nos relatos citados até aqui, em mais de um caso nos referimos à maternidade com dois bebês, gêmeos. É fundamental que toquemos nesse aspecto por duas razões principais: primeiro, porque há diversas particularidades nas etapas pós-nascimento em virtude da gemelaridade. São duas crianças, com personalidades e processos diferentes, e o seu desenvolvimento passa, além da relação das mães com seus filhos, pelo vínculo estabelecido entre os irmãos:

IRMÃOS: Por aqui o amor de irmão prevalece e estimulamos esse contato diariamente. Eles amam essa conexão, esse toque. Simon e Renato a cada dia engordam mais, mudam a fisionomia e aparecem com novidades. É lindo a gente já saber a personalidade de cada, os gostos, os jeitos. Estamos encantadas e apaixonadas por esses nenens

Além disso, sublinha-se que a gemelaridade é bastante comum no contexto da dupla maternidade. Quando discutimos as questões situadas na etapa da pré-gestação, foram apresentados de forma breve os aspectos associados aos métodos reprodutivos empregados pelas mulheres buscando gerar seus filhos. Em casos de reprodução assistida, como a fertilização *in vitro* (FIV) e a inseminação artificial, por exemplo, pelas dificuldades comumente encontradas para a fecundação, comumente são implantados mais de um embrião, pensando em ampliar as chances de que a operação seja bem-sucedida, culminando na gestação.

É em razão disso que aumentam as chances de que mais de uma criança seja gerada e haja casos de gemelaridade.

Gêmeos: Desde a primeira consulta Doutora [supressão de nome] nos explicou detalhadamente cada passo que iríamos passar e todas as probabilidades. Se implantássemos 02 embriões fecundados teríamos 50% de chance de “vingar” 01. Bem, como já foi dito, planejamos implantar sempre um óvulo com gene de Vita e um 01 com gene de Virginia fecundados pelo mesmo doador e sabíamos que a chance de gêmeos era real, possibilidade essa que só aumentava quando fomos informadas da qualidade dos embriões. Também sabíamos que a chance de não dar certo de primeira era real e preparamos nosso psicológico pra tudo. Desde o primeiro beta já sentimos sinais dos gêmeos e aquele sentimento de “Deus me livre, quem me dera” só aumentava. Dia de ultra e... bingo! 🌀🌀 fomos concebidas duplamente. Que alegria! Que benção! Em três anos passamos de nós duas para nós 05 (👶👶👶👶👶).

Por isso, quando optam por essas formas de reprodução, as mães em dupla maternidade se veem na necessidade de considerar a possibilidade real de ter filhos gêmeos, o que, se sabe, inspira cuidados em dobro e também uma vivência de processos maternos diferentes, particulares para cada bebê (Ribeiro, Santos e Zornig, 2016). No caso da dupla maternidade, são também processos distintos para cada uma das mães, de modo que se identifica uma dinâmica muito própria, em que há vários vínculos que se cruzam e constituem essas famílias da forma como o são. Como lembram Amorin e Oliveira (2013), são alinhamentos familiares que fogem do modelo tradicional de família de antemão por estarem assentadas em outro universo relativo à reprodução.

As responsabilidades e desafios da construção de rotinas com filhos gêmeos também são fatores que, infere-se, podem favorecer a busca dessas mães por ambas amamentarem as crianças. É uma possibilidade permitida pelo fato de serem biologicamente duas mulheres e que, para além dos já citados fatores da ordem do vínculo materno e do reconhecimento como mãe, auxilia no exercício da rotina desafiadora de cuidados com os gêmeos. Uma ilustração disso aparece em fala já apresentada anteriormente, em que a mãe diz o seguinte:

[...] se amamentar um bebê só já é super cansativo imagine dois, imagina engravidar, passar por todo o peso da gestação hormônios, dores, cansaço, humor e entre outras coisas, depois de tudo isso ainda ter que amamentar dois bebês, pra mim não seria justo deixa minha mina passar por tudo isso sabendo que eu poderia ajudar ela a passar por todo o processo da amamentação [...]

Tem-se, portanto, que também nessa etapa há uma série de singularidades da experiência da dupla maternidade que atravessam as rotinas em família e estão presentes nas

manifestações que as influenciadoras realizam em seus perfis do Instagram. Assim como foi possível observar em outras etapas, no puerpério, em que ocorrem esses primeiros passeios e, por consequência, as primeiras aparições em público das mães e seus filhos, as mães documentam algumas das reações que seu arranjo familiar despertam nas pessoas:

**NO ELEVADOR COM OS MENINOS:**

Uma senhora entra.. e segue:

-boa tarde. -boa tarde ...Olha pros 02 no bebê conforto e solta o clássico:

-São gêmeos? -Sim, são 😊😊

... olha pra Vita:

-Você é a mãe?

-Sim, sou. ... olha pra Virginia e você? -A mãe.

Sorriso confuso, olha pra os meninos com carinho e chega o andar dela.

Por mais que seja confuso para algumas pessoas temos observado certa evolução. Somos uma família, nada mais nada menos que uma família. .

Nesse trecho, as mães descrevem a postura de uma senhora com quem dividiram o elevador em um dos passeios com as crianças. Há uma dúvida, por parte da mulher, sobre os papéis ocupados pelas duas mulheres: seriam ambas as mães? A ideia de que haja apenas uma mãe e a dificuldade de conceber que duas mulheres ocupam esse espaço decorre, tal como nas etapas anteriores, de uma expectativa social que relaciona os papéis de gênero a funções familiares específicas (Uziel & Grossi, 2006) e do fato de que essas famílias em dupla maternidade marcam um movimento que desafia esses ideais tradicionais de parentalidade e filiação (Amorim & Oliveira, 2013). Em virtude disso, reações como a relatada pela mãe que escreve a postagem são muito comuns: existe uma confusão e muitas vezes uma incompreensão por parte de muitos sujeitos, seja ela decorrente de desconhecimento ou de preconceito. Nesse caso em específico, essa mãe entende que se trata de uma confusão comum, mas identifica, com base em interações como essa, uma evolução no tratamento das pessoas em relação a arranjos familiares diferentes daquele culturalmente celebrado: “somos uma família, nada mais nada menos que uma família”.

Como postula Strathern (1995), a parentalidade heteronormativa se assenta justamente na exigência de um pai e uma mãe que sejam equivalentes quanto à doação genética. Percebemos, a partir dos relatos produzidos nas diferentes etapas do desenvolvimento das crianças, uma preocupação com o tensionamento da ideia de família calcada nos aspectos genéticos ou biológicos. Nessa etapa puerperal, as mães em dupla maternidade não deixam de

abordar a importância do parentesco baseado em laços afetivos, mas abordam também questões ligadas à genética dos bebês recém-nascidos:

Brincando de genética!

É tão divertido olhar para eles e reconhecer traços que são só deles, traços que nitidamente são da Barbara e pasmem, traços que estranhamente são meus!!!

As mãos do Michael são da Barbara,, o nariz da Mercedes também. A boca do Michael é só dele, a orelha idem. Os olhos da Mercedes não tem precedentes e o queixo pequenino também é só dela. A testa franzida do Michael sou eu, as caretas da Mercedes são minhas. E assim vai, vamos nos tornando cada dia mais uma família completa, com laços que nos unem muito para além dos traços <3

Há a introdução da ideia de “brincar de genética”, isto é, buscar traços físicos de ambas as mães, mesmo aquela que não possui ligação biológica com os bebês. Pode-se compreender essa como uma forma de reforçar a conexão entre mãe e filho, recorrendo ao referencial que historicamente balizou a compreensão desse vínculo. Ainda que se ressalte o papel dos laços afetivos e do cuidado efetivo com as crianças como legitimador por si só da maternidade dessa mãe que não é responsável por gestar e/ou não transmitiu seu material genético para a(s) criança(s), sabe-se que muitas vezes ela vê seu lugar enquanto mãe ameaçado e precisa lançar mão de formas de reforçar esse parentesco (Amorin, 2019), até mesmo pensando em uma certa legitimação por parte das outras pessoas.

Por se tratar de uma construção familiar que por sua própria existência já coloca em questionamento concepções institucionalizadas sobre o parentesco e os laços familiares, a dupla maternidade carrega consigo um caráter de constantemente tensionar o que está mais tradicionalmente estabelecido a partir de um referencial heteronormativo. Ainda que busquem “naturalizar” sua vida em família e desmistificar muitos desses estigmas, ou que nem sempre queiram fazer reivindicações de cunho político, essas mães acabam por enfrentar demandas singulares que denotam a persistência de determinadas representações socioculturais acerca da família, como ocorre em seus processos de consumo de bens, por exemplo: “Eu que pinte as roupinhas. Já que as lojas de bebês ainda não tem coleção para casais homoafetivos a gente cria a nossa <3”

O trecho apresentado é a legenda que acompanha uma imagem de estampas de roupinhas (“*bodies*”) de bebês produzidas pela própria mãe. A influenciadora compartilha que sentiu a necessidade de pintar as roupas pois nas lojas de bebê os escritos dos *bodies* eram todos alusivos a famílias com casais heterossexuais, falando em “mamãe e papai”, por exemplo. Pela ausência de produtos que contivessem outras possibilidades, como a da dupla maternidade, houve a decisão de criar à mão roupas cuja estampa contemplasse sua própria família.

À primeira vista, esse pode parecer um detalhe ou uma demanda de fácil resolução. Entendemos, no entanto, que, tendo em vista todo o contexto em que estão inseridas as mulheres que optam por viver a dupla maternidade, pode-se enxergar essa ausência de produtos que incluam essas famílias como formas de invisibilização e até mesmo microviolências, lembretes diários de que é necessário lutar pelo reconhecimento enquanto família possível, legítima. São ausências representativas, “pequenos” direitos que são negados a essas mães, por mais naturais e corriqueiras que pareçam se pensarmos do ponto de vista da “família tradicional”. Nos termos de Porchat (2017), é necessário que os tempos de investigação e abertura social culminem em uma efetiva inclusão dos diversos modelos possíveis de constituição de família entre os sujeitos, a fim de que famílias em arranjos distintos dos propostos pelas famílias nucleares burguesas possam de fato “sair do armário”.

Percebemos, a partir da análise das falas enquadradas na etapa do puerpério, que muitos dos desafios e vivências relatados são comuns desse período — mudanças físicas e psicológicas nas mães, adaptação às novas rotinas, busca por conhecer e atender as demandas das crianças, início da amamentação, alterações na dinâmica do casal, entre outros aspectos — previstos de alguma forma pela literatura nos referenciais teóricos que se dedicam a estudar o período puerperal. Apesar disso, somam-se às dificuldades do puerpério desafios como a demanda constante por encontrar formas de reconhecer e “fazer valer” a sua família; implicações das questões genéticas no desenvolvimento das crianças; questões interseccionais e o intercruzamento de opressões de distintas naturezas; as singularidades da gemelaridade e da dupla amamentação; entre outras situações identificadas.

Pensando na etapa do puerpério, portanto, é importante que os desafios e especificidades da ordem física, psicológica, social e familiar dessa fase de descobertas e familiarização sejam, quando relacionadas à dupla maternidade, abordadas considerando também o que cotidianamente atravessa essas mulheres e suas famílias. Isso envolve levar em consideração os “detalhes”, as “ausências representativas”, e a necessidade de legitimar-se e apresentar-se enquanto família, em diferentes contextos.

### **3.5 Segundo e Terceiro Ano**

Sucedida a apresentação dos tópicos identificados na etapa puerperal, a presente seção dedica-se a explorar o primeiro ano em diante das crianças. Os relatos coletados incluem até os três primeiros anos de vida das mesmas. Aborda-se, principalmente, desafios desse primeiro ano da maternidade e ajustes de rotina; manifestações de afeto e cuidado para com os filhos; registros de seus processos de desenvolvimento e criação; o cenário de pandemia do novo



coronavírus (SARS-CoV-2); descobertas e explorações iniciais das crianças e as adversidades enfrentadas pelo contexto da dupla maternidade durante essa etapa do desenvolvimento das crianças e da vivência em família.

Conforme sugerem Lopes et al. (2007), o final do primeiro ano de vida caracteriza-se como um período significativo no desenvolvimento infantil, considerando que a criança apresenta novas aquisições em termos de linguagem, locomoção e exploração do ambiente. Mudanças essas que repercutem nos sentimentos maternos, visto que as novas capacidades da criança podem constituir um desafio para a família, que precisa adaptar-se às exigências emergentes e aprender a lidar com as aquisições que surgem nesse momento, como observa-se no relato a seguir:

Quem ver esse sorriso não imagina a fase em que estamos passando, a fase das descobertas, de desafios, e você não é diferente se auto desafia mesmo, vai até no limite pra ver o quão radical é! A as mães ficam como? Com coração na mão kkkk, mas deixamos pra você descobrir e se descobrir, na hora de dormir virou constante as histórias, e você pede “uma vez mãe” e lá vai eu com minha super criatividade após um dia exaustivo contar várias histórias aleatórias, onde grande maioria das vezes nossa família são os protagonistas!

E por aqui invento e me reinvento pra você ter a melhor versão de mim, mas tem dia que não são legais né!? Tem dias que a mamãe tá cansada, tem dias que é complicado, exaustivo, tem dias que a mamãe dorme primeiro que você, mas não me culpo, pois sei que sou a melhor pra você!

Errar é humano, e por aqui erramos também, perdemos a paciência, e tá tudo bem. Quero dizer que nem sempre dá pra ser perfeita, aliás não existe perfeição na maternidade, ela é cansativa, é dolorosa, é complicada, mas é gratificante ter um ser que é tão doce quão você é!

Você sabe exatamente me conquistar, mesmo a mamãe triste, brava você pede tetê e me enche de carinho no rosto com essa mão pequenina, e fala “fica brava não mamãe”, e toda minha aflição, preocupação passa! Justamente nesse momento está acontecendo isso, enquanto te amamento escrevo!

Identifica-se, no registro, a forma como as mães vão se apropriando das novas experiências e comportamentos dos filhos e, em conjunto, criando recursos e estratégias para se adaptarem e atenderem as demandas das crianças. A literatura aponta como esperada a apresentação de mudanças expressivas neste período do desenvolvimento, que vão desde o crescimento físico até o emocional, com ênfase para o incremento das habilidades de linguagem, locomoção e de exploração. (Brazelton, 2002; Newcombe, 1999). Nesse cenário, a criança costuma buscar cada vez mais a atenção da figura de cuidado:

Markito e Jane estão exigindo 1000% de mim e da Virginia eles não são mais bebês,

agora são duas crianças em pleno desenvolvimento emocional, tem vontades, tomam decisões, exigem, negociam, argumentam, tem uma energia inesgotável. Somos quatro pessoas em casa, cada um com necessidades específicas, estamos tentando nos adequar e levar esse período de mudanças da melhor maneira possível. Simples? Não, nada na criação de humanos é simples ou fácil, mas seguimos. A pandemia adiou vários dos nossos planos, mas nos deu a oportunidade de passar mais tempo com eles. Poder ver eles se desenvolvendo tão de pertinho é impagável, nosso privilégio.

Nesse contexto de desafios e mudanças, é importante reiterar que, para que a criança possa explorar ativamente seu ambiente e apresentar um senso de iniciativa e de curiosidade, é necessário que os cuidadores se comportem como organizadores deste ambiente (Elkind, 2004; Winnicott, 1979/1983). As mães, desta forma, se sentem convocadas a adaptarem-se às necessidades dos filhos e estarem disponíveis para partilhar de suas explorações e auxiliarem em suas tentativas, proporcionando um cuidado satisfatório e um ambiente confiável:

Pensei várias vezes como começar esse texto, vim falar um pouco dessa nova fase amanhã dia [supressão] a Audre faz 1 ano e 9 meses de muiiiita exploração e testes de limites, filha quando você for maior quero que você leiam todos os textos que a mamãe escreve pra você e sobre você! Tem sido dias de muito aprendizado, ultimamente ela testa todos nossos limites, já não ouve muito as conversas sobre o “não poder fazer algo”, joga coisas quando fica estressada e grita muito, acredito de alguma forma que você quer passar algo pra gente, sentamos na sua altura olhamos dentro dos seus olhos e perguntamos o porque disso e o que você está querendo nos falar ou nos mostrar, nem sempre funciona mas tá bem, esperamos você se acalmar, pegamos no colo e te distraio com algo!

Você já escolhe suas próprias roupas e as vezes preciso te falar que foi um pinguim ou uma zebra que te mandou aquela roupa kkkk! Quando só estamos em casa deixamos que você escolha o que vestir afinal você só está mostrando sua personalidade ...

Você tá comendo por umas 3 crianças kkkkk o que é sensacional, você come pouco pela manhã mas as 12h já é seu almoço e você come a sua, a da mamãe Rosely e a minha kkk e tá tudo bem! 😊 come frutas a tarde toda e pela noite, ahhhh a noite é a hora que a a “tracinha” surge kkkkk vem a janta, vem fruta, vem seu “dadau” e ainda fala “mamães quero outra coisa pra comer 😊” e aí vem a hora das histórias eu abro minha imaginação e te entrego toda ... as histórias tem ratos que andam de bicicleta, tem lobo mau amigo do rato, entre milhões de animais hahaha e por mim você dorme sem nem mesmo que vejamos!

Quando não pede cantigas, a sua favorita é aquela “da casa que não tinha nada, não tinha janela, não tinha pinico” e passo mais ou menos 1h cantando ela ... e por mim falar que você está se tornando um ser incrível, sensível, carismática, obediente e a melhor fase de ti... sabemos que logo passa todas essa loucura é que vamos sentir muita saudades!

Te amo minhoca 🐉❤️

Observa-se que, ao longo das experiências exploratórias e desenvolvimentais, são despertados sentimentos múltiplos por parte das mães. Brazelton (2002) aponta para o fato de que o desenvolvimento motor, emocional, cognitivo e social não é linear e podem ocorrer avanços e regressões de habilidades já adquiridas pela criança. Nesse sentido, os sentimentos maternos durante esse período do desenvolvimento também podem variar. Além disso, conforme indica Prado (1996), a mãe pode sentir-se pressionada pelas exigências do filho e tudo que o envolve, podendo sentir-se até mesmo incapaz de assumi-lo. Somado a estes desafios, identifica-se um obstáculo adicional nos registros compartilhados pelas mães: a pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), que teve início com a doença Covid-19, em dezembro de 2019.

A primeira vez no parque, Eba!! 🐶🐶

Nossos meninos estão crescendo e precisam conhecer e explorar o mundo ao redor deles, durante essa pandemia a gente só fez "passeios" necessários, como ir a UBS tomar as vacinas mensais, super mercado etc ...

Estamos a quase dois anos dentro de casa, eu sei que nesse momento é o mais saudável a se fazer, mas infelizmente para a nossa convivência e emocional não tem sido tão legal ficar tanto tempo dentro de casa.

Ontem nós levamos os meninos ao parque pela primeira vez, e que delícia!! Eles amaram e a gente também, esse parque que nós fomos fica mais ou menos aqui perto de casa.

O parque [supressão de nome] é grande, gostoso e com uma vegetação enorme é uma verdadeira resistência da natureza dentro dessa cidade que é cinza, cheia de cimento e poluição.

Voltamos para casa felizes e fazendo planos para os próximos passeios em família. 😊

Concomitante aos desafios relacionados ao desenvolvimento das crianças e reorganização familiar, observa-se uma necessidade de adaptação ao novo cenário pandêmico, emergindo a importância de novos conhecimentos maternos sobre a Covid-19 e novas formas de cuidar, a fim de proporcionar uma atenção integral à criança. Foi necessário, nesse contexto, uma adaptação de rotina e de estrutura para dar conta das novas demandas:

Quando Virginia e eu começamos a pensar sobre ter filhos um dos nossos objetivos enquanto família era não reproduzir algumas normas. Não queríamos ser uma família padrão onde os papéis eram bem definidos baseados na heteronormatividade.

Queríamos viver a dupla maternidade como a gente idealizou, igualitária, onde as duas fossem mães igualmente, duas mães diferentes mas com a mesma importância.

O último ano foi extremamente difícil pra nós duas.

Nosso sonho de dupla maternidade ideal foi atropelado pela pandemia, onde o plano da Virginia de voltar ao mercado de trabalho ficou mais longe que nunca, consequentemente por eu ter um negócio próprio passava muito tempo fora de casa. Me desdobrava pra ter mais tempo com eles, Virginia também, ela sempre dava um jeito de estar com os bebês no salão, mas ainda não era o suficiente e nem o que a gente queria. Recentemente Virginia conseguiu um job na área dela, com isso ela fica fora de casa o período da manhã enquanto fico com os bebês e cuido de tudo nesse turno, a tarde saio pra trabalhar (quando possível) e ela assume, a noite estamos todos juntos. Enfim sentimos as coisas se equilibrando e chegando mais perto do que idealizamos. Ter tempo de qualidade com os gêmeos é nossa prioridade, agora tenho meu tempo com eles onde fico imersa na função mãe, a Virginia tem o dela e juntas temos o nosso.




Essa é a dinâmica que a gente sempre quis e que sentimos que funciona pra nós. Estamos felizes com essa nova fase.

Essas fotos tiramos hoje quando a Virginia chegou e eu já estava de saída 

Observa-se, no relato, como o planejamento familiar dessas mulheres foi interrompido pelo cenário pandêmico. A influenciadora menciona o fato de que foi estruturado um arranjo que incluísse a vida profissional de ambas as mães, porém, em decorrência da necessidade de confinamento, este planejamento precisou ser reorganizado. Nota-se, então, desafios e obstáculos vinculados não somente ao exercício profissional e materno, mas também ao ajuste destes em anos de isolamento.

Conforme indica Moraes (2020), o isolamento nesta situação social de pandemia implica em níveis elevados de estresse e pode comprometer a saúde mental dos sujeitos, visto que a diminuição das interações sociais prejudica o sentimento de pertencimento das pessoas a determinados grupos que o auxiliam em momentos de crise. Em paralelo, é um cenário que afasta, em vários casos, os indivíduos de seus locais de trabalho. Mulheres historicamente enfrentaram preconceitos que acabaram por conferir ao trabalho um sentido particular “de honra e de afirmação de si mesma como indivíduo que participa da vida em sociedade.” (Macêdo, 2020, p. 190). Especificamente no que diz respeito às mães, o fato de concomitantemente exercerem suas profissões e a maternidade constrói uma identidade singular para essas mulheres, que passa por fazer e ser mãe e profissional (Fabbro & Heloani, 2010).

As manifestações enquadradas na etapa do primeiro ano em diante também envolvem muitas expressões de afeto das mães entre si e com os filhos. São discursos marcados por sentimentos e percepções que comumente estão associadas à experiência da maternidade e seus significados culturais. Uma ilustração desse tipo de postagem pode ser vista no trecho a seguir:

Oi princesa, hoje dia [supressão] você está completando 2 anos de vida, de muita inteligência, de muita saúde, de muita luz! E hoje também se completam 2 anos que eu conheci o verdadeiro amor, e o verdadeiro sentido da vida, ser mãe é algo inexplicável, só sendo pra saber e sentir esse amor! Ser mãe vai além de tudo que imaginamos, a realidade ao viver é totalmente diferente da que imaginávamos ser, então te desejo tudo de melhor minha pequena, sei que o mundo não é mais o melhor lugar, mas prometo te guiar pros melhores caminhos, te ensinar a ser uma cidadã do bem, e algumas coisas infelizmente a mamãe não conseguirá te ensinar, mas eu vou te ensinar uma coisa a ser forte! Te amo e parabéns meu amor, domingo tem sua festa que a mamãe sonhou e lutou muito pra fazer ela pra ti   !

Destaca-se, para além da demonstração do amor pela filha em uma data comemorativa importante para a família, um relato sobre o significado que a maternidade assume para essa mãe: “o verdadeiro sentido da vida” e “além de tudo que imaginamos” são algumas das descrições realizadas que permitem identificar tanto o processo de construção gradual do vínculo entre mãe e filho a partir do exercício das práticas de cuidado — ou da maternagem, nos termos empregados por O’Reilly (2014) — quanto o reconhecimento de uma experiência da maternidade que só seria possível conhecer plenamente ao vivenciar, em sua forma mais genuína e “real” (Oliveira-Cruz, 2021).

É possível perceber, ainda a partir de falas como essa em destaque, uma percepção relacionada a um “papal” materno específico: as mães seriam responsáveis por apresentar seu filho ao mundo e, apesar dos inúmeros desafios, expressos em excertos como “o mundo não é mais o melhor lugar”, guiá-los e ensiná-los, transmitindo valores importantes. Infere-se que a importância conferida a “ser forte” se relaciona em muito às dificuldades e obstáculos da experiência da família em contexto de dupla maternidade. Nesses casos específicos, é possível dizer que não basta que sejam passados adiante valores familiares compartilhados, mas também buscar de certa maneira preparar seus filhos para possíveis desafios e vivências hostis que possam vir a enfrentar.

Como discutido anteriormente, as adversidades que decorrem da construção de uma família fora dos moldes tradicionais perpassam as diferentes etapas da dupla maternidade, desde a decisão de ter filhos até os primeiros momentos compartilhados com as crianças. São desafios de diversas naturezas, como falta de representatividade, redução da conexão social, barreiras



jurídicas e impactos negativos na saúde física e mental (Power et al., 2019). A subjetividade, conforme explicita Farias (2017), se constrói com base no contexto histórico-cultural em que o indivíduo se insere, de forma que representações e concepções estabelecidas a respeito do mundo perpassam a forma como o sujeito vê a si mesmo e a suas relações com os outros. Nesse sentido, faz sentido pensar que as dificuldades que marcam a constituição das famílias constituídas a partir da dupla maternidade têm efeito sobre esses sujeitos e atravessam suas experiências diárias, como se nota na fala que destacamos:

Nossos filhos tem exatos 2 anos, 5 meses e 2 dias e hoje foi a primeira vez que não tivemos que riscar a palavra pai de um formulário, uma violência que sofremos desde que eles nasceram ao preencher qualquer ficha, quando não dá pra riscar, uma fica ali no lugar de “pai” mesmo, o que gera uma sensação de impotência e de invisibilidade sem fim. Somos duas mães, quantas famílias são formadas por uma mãe, uma avó, uma tia e tem esse mesmo tipo de sentimento. Felizes em saber que a creche pra onde vão é inclusiva real e a diversidade é presente. A creche é pública!

Trata-se de um relato que evidencia o despreparo institucional para arranjos familiares que fogem dos parâmetros sociais e culturalmente estabelecidos a partir do referencial da heteronormatividade. A impossibilidade de reconhecer sua família como possibilidade no preenchimento de um documento/formulário representa impotência e invisibilidade. Ressalta-se que, como aponta a própria influenciadora responsável pela postagem, esse é um desafio que contempla também outros modelos de família diferentes daquele que cumpre as expectativas sociais relacionadas às funções parentais de homens e mulheres (Uziel & Grossi, 2006). No encerramento do trecho, outro ponto que chama atenção: a importância que ganha encontrar instituições que efetivamente promovam espaços seguros. Nesse caso, a escola, um importante espaço de socialização, para a criança e também para a família, é reconhecida pelo fomento à inclusão e à diversidade de forma a permitir que essas mães e seus filhos se sintam contemplados.

Ainda no que diz respeito às adversidades, torna-se evidente a repetição de questões que foram enfrentadas por essas mães em etapas anteriores da preparação e desenvolvimento dos filhos e agora se manifestam nos seus primeiros anos de vida:

Ser mãe é coragem. Ser mãe lésbica é coragem. Ser mãe lésbica não gestante é muita coragem. Ser mãe não gestante é ser empurrada pelo sistema, pela estrutura social pra uma espécie de limbo. Afinal, “mãe só tem uma”. Somos frequentemente vistas como a ajudante da mãe, a segunda mãe, a mãe que adotou o filho da sua mulher e, às vezes, somos invisíveis mesmo, a sociedade não enxerga essa mãe que não gestou. Isso é perceptível em diversos momentos, seja com perguntas mal formuladas, e aqui eu

entendo que ainda existe muita falta de conhecimento; seja em uma conversa com outros cuidadores, como, por exemplo, em um parquinho em que a outra parte só se direciona à mãe que mais se aproxima do esteriótipo de feminilidade, ou quando vamos em uma loja e o vendedor fala somente com a mãe gestante, ou quando fazem perguntas sobre os filhos apenas à mãe que está amamentando. Essas são violências que vivemos cotidianamente, algumas tão sutis que poucos são capazes de perceber além de nós mesmas. E é louco passar por isso fora do conforto do nosso lar, onde a nossa maternidade é igualitária, onde somos igualmente mães pra quem mais importa, nossos filhos [...] A dupla maternidade resiste  .

Vemos serem retomadas discussões sobre o papel da mãe não gestante e a forma como ela é tratada por outras pessoas, muitas vezes marcada pelo preconceito e a persistência de estereótipos ligados ao gênero e à sexualidade. É difícil para muitas pessoas compreender a existência da dupla maternidade em razão das normas de gênero e sexualidade que acompanham os papéis desempenhados no contexto familiar (Uziel & Grossi, 2006). Sublinha-se, na abordagem da mãe, que, no âmbito de sua casa, a maternidade é vista como igualitária e não se estabelece nenhum tipo de diferenciação, para elas e para os filhos, seja relacionada à gestação ou baseada nos estereótipos e na dicotomia feminilidade x masculinidade. Quando saem em família, contudo, se deparam com situações que, para além de desconforto, se traduzem em violências cotidianas sutis, como retrata a influenciadora.

Como apresenta Carvalho (2018) em alusão ao atendimento em saúde de famílias em dupla maternidade, as experiências dessas famílias são substancialmente afetadas por manifestações que envolvem questionamentos inadequados, homofobia e comunicação heteronormativa. Ou seja, esses contatos em que é necessário que as mães passem por vivências violentas, ainda que decorram de falta de conhecimento ou da reprodução de referenciais sobre gênero e sexualidade aprendidos ao longo de uma vida, impactam a subjetividade dessas mães e também sua experiência enquanto família.

Para Butler (2004), resistir e subverter a ordem que historicamente prevalece é uma possibilidade decorrente da instabilidade das normas de gênero. Tensionar a ordem e ostentar força e coragem surgem quase como imposição, não havendo muitas vezes a possibilidade de uma existência em família que não seja por si só ato político, de resistência: “a dupla maternidade resiste”, como aponta a mãe.

Amorin (2019) defende que, mesmo que muitas vezes não constem referências a participações em movimentos sociais organizados nas postagens das mães no Instagram, o compartilhamento das fotografias e narrativas de famílias, na dupla maternidade, são em si mesmas uma forma de militância. Nessa linha, entende-se que, aqui, se trata de um modelo particular de organização política na medida em que a influência dessas mães motiva que outras

mães e famílias que “subvertem a ordem” sintam-se também autorizadas a reivindicar seus espaços e visibilizar-se enquanto possibilidade social.

Tem-se, então, que a etapa que se inicia no primeiro ano de vida dos filhos e aqui contempla até os três anos das crianças, constitui um período fortemente associado ao desenvolvimento e descobertas do mundo e de si mesmos por parte das crianças. Como não poderia deixar de ser, esse é um processo que implica também as mães, que vão também se reconhecendo em seus papéis de cuidados, nas novas emoções a que são apresentadas e nos desafios que cada novo passo dado por seus filhos acaba por representar. Soma-se esses obstáculos externos, de diferentes matizes, mas que constituem igualmente barreiras: a pandemia de COVID-19, o isolamento social decorrente e as dificuldades que representaram frente à criação dos filhos e as adversidades associadas à dupla maternidade, como o preconceito, a dificuldade nas conexões sociais, as limitações institucionais e a busca por espaços seguros e formas de resistência, que assumem outras características também à medida que os filhos vão se desenvolvendo.

Mas se são divididos os múltiplos desafios, também as imagens e textos que aludem à vivência autêntica da maternidade, ao cuidado e afeto com os filhos e o encantamento com todas as instâncias do seu desenvolvimento, estão presentes no Instagram. É uma forma de documentar o crescimento das crianças e expressar o amor e ternura que sentem por seus filhos, sem dúvida, mas também de partilhar sua família enquanto possibilidade social, visível e concebível, para si mesmas e para aqueles que as acompanham na plataforma.



## CAPÍTULO IV CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Desejo um futuro em que a sociedade enxergue a nossa maternidade, a nossa dupla maternidade, como nossos filhos enxergam.”

A frase é parte de fala retirada da postagem de uma das mães cujos perfis no Instagram foram analisados para os fins deste estudo. Entende-se essa como uma síntese dos achados da pesquisa e grande parte das impressões que deles decorrem: a dupla maternidade é apresentada por essas mulheres com naturalidade e dentro do mesmo ambiente de amor, descobertas e desafios que comumente marcam os relatos sobre ser mãe. Tendo em vista a questão norteadora da pesquisa — de que forma a existência da dupla maternidade nos anos iniciais é abordada pelas mães influenciadoras nos espaços digitais? — a interpretação é de que foi possível explorar a resposta, encontrando as singularidades presentes nessas manifestações, assim como sublinhando os pontos em que vão ao encontro de discussões já realizadas no âmbito dos estudos de Gênero, Maternidade, concepções de Digital Influencers e Narrativas Digitais.

Como discutido na análise dos dados, no entanto, as experiências relatadas por essas mães são sempre atravessadas pelas peculiaridades de ser mãe em uma relação homossexual e, dessa forma, uma família que “escapa” ao referencial heteronormativo que historicamente baliza o imaginário social e cultural sobre parentesco. Essa não é, aos olhos das mães e seus filhos, uma forma de inadequação. No sentido contrário, as falas dão conta de mostrar uma dupla maternidade repleta de vivências de cuidado, construção de vínculos e descoberta diária das mães e seus filhos. Ou seja, como se expressa no trecho destacado, a dupla maternidade é uma experiência espontânea para essas famílias: mostrarem-se em seu dia a dia, nos desafios e prazeres cotidianos, nas trocas de carinho e aprendizados, com imagens e textos que mostram como são autênticas e comuns essas experiências, parece uma maneira de visibilizar-se e legitimar-se enquanto família. As narrativas digitais tornam possível que esses relatos se disseminem e que públicos diversos sejam impactados por essas manifestações, sejam eles famílias em arranjos similares que, dessa maneira, encontrem também amparo e reconhecimento, ou pessoas que ainda têm dúvidas ou ressalvas sobre famílias constituídas a partir de casais de mulheres.

Trata-se de uma das principais vantagens reconhecidas no estudo em rede, identificar que as narrativas construídas funcionam efetivamente nesse duplo movimento próprio da

intersubjetividade: as influenciadoras assumem um papel de referência nesse nicho que ocupam e tomam para si muitas vezes a responsabilidade de conscientizar, informar e ajudar outras famílias a se verem, ao mesmo tempo em que também para elas estar ali e partilhar da sua vida em família é uma forma de reconhecer-se enquanto tal e de encontrar um espaço seguro para aprender e trocar. Outra característica que se destaca e é decorrente do fato de esse ser um estudo que se debruça sobre material digital é o fato de que essas manifestações acabam, pelo caráter de permanência, ficando disponíveis para uma análise diacrônica. Combinado à divisão das temáticas em etapas do desenvolvimento, é o que dá a essa proposta de pesquisa um caráter longitudinal, que permite colocar em perspectiva as singularidades de cada momento da vida dessas famílias quando pensamos em discutir a forma como a dupla maternidade é por elas abordada.

Nas diferentes etapas, é possível perceber o tensionamento de estereótipos ligados não apenas à dupla maternidade, mas à parentalidade e à constituição de vínculos familiares como um todo. Isso porque se entende que uma constante da discussão aqui empreendida é a problematização de premissas que sustentam a forma como historicamente são compreendidas as relações de parentesco e os papéis de cuidado. Como visto, o imaginário sociocultural que rege questões relevantes da vida em sociedade como legislação e direitos, representatividade midiática, acesso a bens de consumo, oferta e utilização de serviços de saúde, entre tantas outras, se constrói sobre pilares heteronormativos e papéis de gênero específicos. Daí se origina o desconhecimento, o preconceito e muitas vezes as violências de diversas naturezas que enfrentam essas mães em dupla maternidade e também daí que surgem os referenciais que impõem determinados comportamentos e funções para mulheres, que estabelecem falsas premissas a respeito da centralidade da figura da mãe e do “amor incondicional” e que associam a maternidade e a parentalidade, de maneira geral, a fatores biológicos e herança genética.

Seria a maternidade necessariamente essa experiência de entrega completa, que daria sentido à vida de uma mulher? E mais do que isso, o cuidado e a atenção com seus filhos é exclusividade da mãe ou se trata essa de uma forma de “generificar” a ideia de cuidado? Não é raro que se fale em “pais que ajudam” ou em “redes de apoio”, como se à mãe coubesse a responsabilidade única de efetivamente prezar pelos seus filhos e os cuidadores adjacentes fossem de certa forma coadjuvantes. Parece lógico, se considerarmos o longo tempo em que a parentalidade foi abordada nesses termos: a existência de uma mãe e um pai, com igual contribuição genética, mas dos quais se esperam diferentes contribuições no que diz respeito à rotina de cuidados com seus descendentes. Isso tanto pela ideia de que a conexão biológica mãe e filho - forjada pela gravidez, a amamentação e o “instinto maternal” - inviabilizaria que outros

cuidadores estabelecessem vínculos de igual intensidade com as crianças, quanto pelas expectativas que permeiam as experiências de homens e mulheres na sociedade e no contexto familiar. O que se pode apreender dos relatos construídos pelas influenciadoras da dupla maternidade é, no entanto, justamente um tensionamento dessas ideias pré-concebidas. O que “legítima” a maternidade quando há duas figuras de cuidado? Como são constituídos os vínculos familiares que não se sustentam nos aspectos biológicos? O que há de distinto e o que há de similar na experiência de maternidade de duas mães?

Não há aqui a possibilidade de não enfrentar essas questões por parte dessas mulheres. A exemplo do que já foi discutido durante a análise, sejam as manifestações diretamente vinculadas à política institucional ou não, o próprio mostrar-se e reivindicar seu direito de ser apenas mais uma família é uma demanda política e que configura uma forma de militância. Existir é, por si só, tensionamento de pilares constitutivos da percepção social sobre o desenvolvimento humano que deram origem a preconceitos que acabam por desumanizar pessoas e suas experiências afetivas e familiares.

Isso não significa dizer que o compartilhamento da vivência da dupla maternidade represente e/ou apresente um rompimento total dos padrões que regem a vida em sociedade. Nota-se, inclusive, que em muitos pontos há um esforço, por parte das outras pessoas e mesmo dessas mães, em reproduzir determinados referenciais, comportamentos e indicadores que também se baseiam no referencial heteronormativo e suas sugestões e imposições. Ainda assim, é inegável que colocam em xeque muitas prescrições e deflagram um movimento de subversão, de desafio ao conhecido tanto em termos de desenvolvimento quanto dos aspectos associados ao gênero e à sexualidade.

Em suma, pode-se dizer que, nas diferentes etapas do desenvolvimento das crianças e da construção das singularidades da vida em família, são apresentadas, nas postagens das mães influenciadoras, muitas das suas descobertas, experiências e cotidiano. Essa característica vai ao encontro precisamente da concepção de influenciadores digitais e da importância do compartilhamento de suas experiências como referência a um público que se informa e se reconhece a partir das narrativas por eles construídos em plataformas como o Instagram. Em paralelo, partilhar com sua audiência as dificuldades na criação de crianças, as etapas de aquisição de habilidades e reconhecimento de características, as adversidades decorrentes da homofobia, da intolerância e das, muitas vezes, inefetivas inclusões de famílias não-heterossexuais nos espaços de sociabilidade e promoção de saúde, é uma forma de situar-se e reivindicar-se no mundo para as próprias mães. Espera-se, bem como a mãe responsável pela frase com que escolhemos iniciar essa seção, que breve essa tomada de posição não seja tão

necessária e um processo que demande tanta resiliência e coragem por parte dessas mães. Que em um futuro não tão distante a dupla maternidade seja enxergada por todos como é por seus filhos.

“Não tenha medo, nós somos fortes  
Tem duas mães, você tem sorte  
Vem ver a vida num campo novo  
Viver um sonho, nosso desejo  
E vai chegar nos braços dela  
Vai descansar nos braços meus  
Sou sua mãe também  
Não tenha medo, nós somos fortes  
Tem duas mães, você tem sorte  
Vem ver a vida num campo novo  
Viver um sonho, nosso desejo”

(Lanlanh, 2021).

## REFERÊNCIAS

- Akotirene, C. (2019). *Interseccionalidade*. Pólen Produção Editorial Ltda.
- Allebrandt, D. (2015). Sobre mães e doadores: Identidade e pertencimento sob a luz da experiência da maternidade, do direito de filiação e acesso à reprodução assistida em uma associação de famílias homoparentais do Quebec. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 15(2), 309-325. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2015.2.17907>
- Amorim, A.C.H. (2019). Dupla maternidade no Instagram: entre fotos, ativismo e parentesco. *Movimentação*, 6 (10), p. 170-184.
- Amorim, A.C.H. (2019). *Novas tecnologias reproduzidas e maternidades lésbicas no Brasil e na França: conexões entre parentesco, tecnologia e política* [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Amorim, A. C. H., & de Oliveira, M. B. (2012). Dupla maternidade: conexões entre antropologia e direito. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 10, 1-12.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. 3ª. Lisboa: Edições 70.
- Borsa, J. C., & Dias, A. C. G. (2004). Relação Mãe e Bebê: as expectativas e vivências do puerpério. *Revista Perspectiva*, 28(102), 39-53.
- Bouso, R.S., Ramos, D., Figueiredo, H.C. F., Santos, M.R., & Bouso, F. (2014). Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. *Psicologia USP*, 25(2), 172-179.
- Braga, A. (2010). Microcelebridades: entre meios digitais e massivos. *Revista Contracampo*, (21), 39-53.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2005). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica de Saúde da Mulher. *Pré-natal e Puerpério: atenção qualificada e humanizada – manual técnico*.
- Brasil, Ministério da Saúde. (2016). Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Seção 1. p. 44-46*.
- Brasil, S. T. F. (2011). Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental 132. *Plenário. Relator: Ministro Ayres Britto*. Brasília, DF, 5 maio 2011. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628633>.
- Brazelton, T. B. (2002). *Momentos decisivos do desenvolvimento infantil*. (2ª ed., J. L.

- Camargo, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Boyd, D. (2010). Social network sites as networked publics: Affordances, dynamics, and implications. In Papacharissi, Z. (ed.). *A Networked Self: Identity, community, and culture on Social Network Sites*. New York: Routledge.
- Butler, J.(2004). *Undoing gender*. Nova York e Londres: Routledge.
- Campos, A. S., de Almeida, A. C. C. H., & dos Santos, R. P. (2014). Crenças, mitos e tabus de gestantes acerca do parto normal. *Revista de Enfermagem da UFSM*, 4(2), 332-341.
- Carvalho, M. F. M. D., & Martins, Z. D. S. (2019). *Projeto de intervenção: diagnóstico precoce de gravidez e início imediato do pré-natal em uma UBS em São Francisco de Assis do Piauí*. Piauí: Unasus.
- Carvalho, P. G. C. de. (2018). *Homoparentalidade feminina: nuances da assistência à saúde durante concepção, gravidez, parto e pós-parto* [Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo].
- Carvalho, P. G. C. de, Cabral, C. da S., & Diniz, C. S. G. (2020). O Lugar da Parceira que não Gesta: elementos para discussão sobre homoparentalidade feminina. In *Entrecruzando saberes: Gênero, Sexualidade, Memória e Violência*. Uberlândia: Navegando Publicações. doi:10.29388/978-65-81417-25-3-0-f.105-116.
- Corrêa, M. C. (1997). As novas tecnologias reprodutivas: uma revolução a ser assimilada. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 7, 69-98.
- D'Angelo, P. (2019). Pesquisa sobre Instagram 2019: dados exclusivos sobre o Instagram no Brasil. *Opinion Box*, Minas Gerais. Retirado de: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-sobreInstagram-2019/>. Acesso em: 10 out. 2020.
- Elkind, D. (2004). *Sem tempo para ser criança: a infância estressada*. (M. F. Lopes, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Figueiredo, B. (2000). Psicopatologia do desenvolvimento da maternidade. In I. Soares (coord.). *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajetórias (in)adaptativas ao longo da vida* (pp. 347-380). Coimbra: Quarteto.
- Fischer-Rosenthal. (2008). The problem with identity: biography as solution to some (post)modernists dilemmas. *Comenius. Vol 15*. P. 250-265. In: *Biographical Research Methods. Vol II*.
- Fonseca, C. (2008). Homoparentalidade: novas luzes sobre o parentesco. *Revista Estudos Feministas*, 16, 769-783.
- Gates, G. J. (2015). Marriage and family: LGBT individuals and same-sex couples. *The Future of Children*, 67-87.

- Gartrell, N., Hamilton, J., Banks, A., Mosbacher, D., Reed, N., Sparks, C. H., & Bishop, H. (1996). The national lesbian family study: 1. Interviews with prospective mothers. *American Journal of Orthopsychiatry*, *66*(2), 272–281.
- Green, R., Mandel, J. B., Hotvedt, M. E., Gray, J., & Smith, L. (1986). Lesbian mothers and their children: A comparison with solo parent heterosexual mothers and their children. *Archives of Sexual Behavior*, *15*, 167–184.
- Hollekim, R., Slaatten, H., & Anderssen, N. (2012). A nationwide study of Norwegian beliefs about same-sex marriage and lesbian and gay parenthood. *Sexuality Research and Social Policy*, *9*, 15-30. doi: 10.1007/s13178-011-0049-y
- Ishida, G. (2018). Métodos para Identificação e Características de Influenciadores em Mídias Sociais. In Silva, T., Buckstegge, J., & Rogedo, P (Orgs). *Estudando cultura e comunicação com mídias sociais* (pp. 253-277). Brasília: IBPAD.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo contabiliza 60 mil casais gays; metade mora no Sudeste*. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBGE.
- Johnson, S. M. (2012). Lesbian mothers and their children: The third wave. *Journal of Lesbian Studies*, *16*(1), 45-53. doi: 10.1080/10894160.2011.557642.
- Johnson, S., & O'Connor, E. (2002). *The gay baby boom: The psychology of gay parenthood*. New York, NY: New York University Press
- Karhawi, I.S. (2018). *De blogueira à influenciadora: motivações, ethos e etapas profissionais na blogosfera de moda brasileira* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).
- Karhawi, I.S. (2016). *Influenciadores digitais: o Eu como mercadoria. Tendências em comunicação digital*. São Paulo: ECA/USP, 39-58.
- Kirkpatrick, M., Smith, C., & Roy, R. (1981). Lesbian mothers and their children: A comparative survey. *American Journal of Orthopsychiatry*, *51*(3), 545–551.
- Laestadius, L. (2017). Instagram. In Quan-Haase, A.; Sloan, L. (org.). *The SAGE Handbook of Social Media Research Methods*. Thousand Oak, Califórnia: Sage Publications, p. 573-592.
- Lan Lan & Nanda Costa. (2021). *Duas Mães*. Rio de Janeiro: Dubas Música. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/4f0zENTeiFvyATLkXo2hY6?autoplay=true>.
- Leite, M. G., Rodrigues, D. P., Sousa, A. A. S. D., Melo, L. P. T. D., & Fialho, A. V. D. M. (2014). Sentimentos advindos da maternidade: revelações de um grupo de gestantes. *Psicologia em estudo*, *19*, 115-124.
- Lewin, E. (1994). *Negotiating Lesbian Motherhood: The Dialectics of Resistance and Accommodation*. London: Routledge.

- Lopes, R. D. C. S., Oliveira, D. S. D., Vivian, A. G., Bohmgahren, L. M. C., Piccinini, C. A., & Tudge, J. (2007). Sentimentos maternos frente ao desenvolvimento da criança aos 12 meses: convivendo com as novas aquisições infantis. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 5-15.
- Luna, N. (2005). Natureza humana criada em laboratório: biologização e genetização do parentesco nas novas tecnologias reprodutivas. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 12, 395-417.
- Macêdo, S. (2020). Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. *Revista do NUFEN*, 12(2), 187-204.
- Marcello, F. D. A. (2005). Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. *Revista Brasileira de Educação*, 139-151.
- Mazzo, M. H. S. N., de Brito, R. S., Silva, I. C. G., Feitosa, M. M., de Lima, M. S. É., & Silva, E. C. P. (2018). Percepção das puérperas sobre seu período pós-parto. *Investigación en Enfermería: Imagen y Desarrollo*, 20(2).
- Menezes, C. C., & Lopes, R. D. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até dezoito meses do bebê. *Psico-USF*, 12, 83-93.
- Moraes, M. M. de. (2020). *Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho* (Vol. 2). Artmed Editora.
- Nelas, P.A.A.B. et al. (2017). Dificuldades na amamentação no primeiro mês de vida : impacto dos contextos de vida. *INFAD Revista de Psicologia*, 1, 183-192.
- Newcombe, N. (1999). *Desenvolvimento infantil: abordagem de Mussen*. Artes Médicas.
- O'Reilly, A. (2004) *Mothering against motherhood*. In: *From Motherhood to Mothering: The Legacy of Adrienne Rich's Of Woman Born*. New York: State University of New York Press, pp. 159–74.
- Oliveira-Cruz, M.F. de. et al. (2021). A maternidade “real” no Instagram: uma reflexão sobre as temáticas predominantemente compartilhadas por mães influenciadoras. In M.F. de Oliveira-Cruz & M.C. de Mendonça. *Maternidade nas mídias*. Santa Maria: UFSM.
- Oliveira, A. S. S. de., Rodrigues, D. P., Guedes, M. V. C., & Felipe, G. F. (2010). Percepção de mulheres sobre a vivência do trabalho de parto e parto. *Rev Rene*, 11, 32-41.
- Pacheco, A., Figueiredo, B., Costa, R., & Pais, Á. (2005). Antecipação da experiência de parto: mudanças desenvolvimentais ao longo da gravidez. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 7(1-2), 7-41.
- Pagelow, M. D. (1980). Heterosexual and lesbian single mothers: A comparison of problems, coping, and solutions. *Journal of Homosexuality*, 5(3), 189– 204.



- Patterson, C. J. (1995). Families of the lesbian baby boom: Parents' division of labor and , children's adjustment. *Developmental Psychology*, 31(1), 115–123.
- Paula, D. F. L. D., & Garcia, W. (2014). Comunicação, consumo e imagem no Instagram: estudos contemporâneos. *Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem- ENCOI*, Londrina, PR.
- Pederzoli, A. A. (2017). *Papai ou mamãe? Uma discussão dos papéis parentais em homens trans que engravidaram* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo).
- Pedro, J. (1998). A publicidade na intimidade: punição e controle. In Grossi, M. Pedro, J.M. (Org.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis, SC: Ed. Mulheres.
- Pesce, L. R. (2018). *O lado B da maternidade: Um estudo qualitativo a partir de Blogs*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Piccinini, C. A., Lopes, R. S., Gomes, A. G., & De Nardi, T. (2008). Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em estudo*, 13, 63-72.
- Pinto, T. (2008). Promoção, protecção e apoio ao aleitamento materno na comunidade Revisão das estratégias no período pré-natal e após a alta. *Arquivos de Medicina*, 22, 2-3.
- Piza, M.V. (2012). *O fenômeno Instagram: Consideração sob a perspectiva tecnológica*. 2012. [TCC de Graduação, Curso de Sociologia, Ciências Sociais, Universidade de Brasília].
- Pontes, M. (2011). *Desejo por filhos em casais de mulheres: percursos e desafios na homoparentalidade* [Doctoral dissertation, PUC-Rio].
- Porchat, P. (2017). Elementos para refletir acerca do trabalho psicanalítico com famílias que " saem do armário". *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 103-116.
- Power, J. J., Perlesz, A., Schofield, M. J., Pitts, M. K., Brown, R., McNair, R., & Bickerdike, A. (2010). Understanding resilience in same-sex parented families: the work, love, play study. *BMC Public Health*, 10(1), 115.
- Prado, L. C. (1996). (org.). *Famílias e terapeutas: construindo caminhos*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Primo, A. F. T., Valiati, V. A. D., Amaral, L. L. & Barros, L. S. D. (2018). Interações e práticas no Facebook. *Contracampo*, 37(2). p. 152-171.
- Prodanov, C. C., & de Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico - 2ª Edição*. Editora Feevale.
- Rago, M. H. (2010). Cartografias de si no feminismo da diferença: Amelinha, Gabriela, Norma. *Revista Gênero*, 10(2).

- Rawsthorne, M. L. (2009). Just like other families? Supporting lesbian-parented families. *Australian Social Work*, 62(1), 45-60.
- Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina.
- Ribeiro, F. S., dos Santos, N. D. T. G., & Zornig, S. M. A. J. (2016). Dividida em dois? A experiência materna nos casos gemelares. *Natureza Humana-Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*, 18(1).
- Ril, S. Y. (2020). *Experiências de gestação e parto de mulheres lésbicas e bissexuais*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina].
- Santos, C.V.M. & Gomes, I.C. (2016). The L Word – Discussões em torno da parentalidade lésbica. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(1), 101-115.  
<https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000092014>
- Sauter, T. (2014). ‘What’s on your mind?’ Writing on Facebook as a tool for self-formation. *New Media & Society*, 16 (5), 823-839.
- Schutz, A. (2008). La elección entre diversos proyectos de acción. In A. Schutz. *El problema de la realidad social*. 2a ed. 3o reimp. Buenos Aires. Amorrortu.
- Severo, M.L. (2017). *Leia-me como uma história: mulheres e a construção de narrativas da felicidade no Instagram* [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Comunicação Social, PUCRS].
- Sibilia, P. (2008). *O show do eu - a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silveira, B. M. (2017). Reprodução assistida: a legislação brasileira atual no trato de novos procedimentos biotecnológicos na área de engenharia genética. *Mega Jurídico*, Artigos.
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. New York: The Guilford Press.
- Strapasson, M. R., & Nedel, M. N. B. (2010). Puerpério imediato: desvendando o significado da maternidade. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 31, 521-528.
- Strathern, M., Santarita, M., & Heilborn, M. L. (1995). Necessidade de pais, necessidade de mães. *Revista Estudos feministas*, 95(2), 303-329.
- Uziel, A. P. (2007). *Homossexualidade e adoção*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Uziel, A. P., Mello, L., & Grossi, M. (2006). Conjugalidades e parentalidades de gays, lésbicas e transgêneros no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, 14, 481-487.
- Venâncio, S. I., & Monteiro, C. A. (2006). Individual and contextual determinants of exclusive breastfeeding in São Paulo, Brazil: A multilevel analysis. *Public Health Nutrition*, 9, 40-46.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação*. (I. C. S. Ortiz, Trad.).

Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1979).

Zambrano, E. (2006). Parentalidades "impensáveis": pais/mães homossexuais, travestis e transexuais. *Horizontes antropológicos*, 12, 123-147.

Zandavalle, A. C. (2018). Análise de Dados Visuais no Instagram: Perspectivas e Aplicações. In Silva, T., Buckstegge, J., & Rogedo, P (Orgs). *Estudando cultura e comunicação com mídias sociais* (pp. 80-97). Brasília: IBPAD.